

RevistaDigital

FÉ CRISTÃ

Edição nº 4

N

CHURCHISMO

A DECADÊNCIA DAS "CHURCHS" DO NEOPENTECOSTALISMO AO NEOPAGANISMO

PRISCA LESSA

Por mais teologia nas mulheres.

MAURÍCIO ZÁGARI

Boicotes inúteis

Revista FÉ CRISTÃ

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **CAPA:** Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO DE TEXTO:** Lorena Garrucho **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **TRANSCRIÇÕES:** André Otonio **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **PUBLICIDADE/DIVULGAÇÃO/PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 4, ano 1, nº 4, setembro de 2020, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Conteúdo

- 7 Editorial
- 8 Devocional
- 12 Missões
- 20 Artigo do mês
- 32 Fé cristã e política
- 36 Feminilidade bíblica
- 40 Teologia sistemática
- 42 Música na Igreja
- 46 Coluna do Zágari
- 50 Fé cristã e ciência
- 54 Piedade Masculina
- 58 Psicologia e fé cristã



O MUNDO SAGRADO DAS RELIGIÕES

Entendendo o sagrado a partir de seus pressupostos. Preparando o caminho para o Evangelho.



CHURCHISMO

O artigo do mês traz à luz o seríssimo caso das churches.



ADORAÇÃO

Com vocês, o primeiro artigo da série sobre ADORAÇÃO no culto.



VOCÊ SE CONSIDERA UM HOMEM HONRADO?

O Pr. Rafael Ribas traz para a revista um artigo que vai te ajudar a responder esta pergunta.




O CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.

Carta ao Leitor

Olá, querido leitor. Que a Graça e a paz do Senhor Jesus estejam com você. Para uma melhor experiência, gostaríamos de ressaltar que somos uma revista formada por servos de Deus de várias denominações e linhas teológicas. Por isso, OS TEXTOS DE CADA COLUNISTA E ARTICULISTA DIZEM RESPEITO TÃO SOMENTE ÀS OPINIÕES, INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES DO PRÓPRIO AUTOR QUANTO AOS TEMAS ABORDADOS. Cremos que nós, das principais denominações cristãs e linhas teológicas, devemos estar unidos por nossas semelhanças, ao invés de separados por nossas diferenças. Em nossa revista, portanto, teremos colunistas de diversas linhas teológicas: pentecostais, calvinistas, arminianos, batistas, assembleianos, presbiterianos, enfim, somos uma equipe que integra membros de todas as grandes linhas do protestantismo. Vale lembrar que cada irmão da equipe faz um trabalho piedoso e santo, tanto nas redes sociais, quanto em sua igreja local. Todos os colaboradores, portanto, afirmam sem sombra de dúvidas todas as doutrinas centrais do cristianismo. TODAS. Nosso objetivo, com esse critério, é produzir um material cristão de qualidade, com conteúdo rico, teologicamente saudável, para que você possa ser abençoado, edificado e equipado em sua caminhada cristã – e sem ter que pagar por isso. Coloque-nos em suas orações e que Deus abençoe sua vida! Esta revista foi feita especialmente para você, para a glória de Deus. Desfrute do recheio. E até mês que vem.



**JAMAIS
ENCONTRAREMOS
DEUS SEM QUE ELE
NOS PROCURE
PRIMEIRO.**

Tim Keller



Motivações missionárias

por Marcos Motta
editor-chefe

Qual é a razão que podemos apresentar para defendermos que é correto gastarmos tempo e energia criando mais conteúdo cristão em uma época saturada de conteúdo cristão? Respondo que “Cristo é digno das nações”. Tirei isso de uma música. Mas, é isso: Cristo é digno das nações. Ele não é digno de algumas. Ou de quase todas. Não podemos contentarmo-nos em oferecer a Ele apenas a nossa nação, ou tão somente aquelas às quais tivemos maior facilidade de alcançar. Ele merece o louvor, a adoração, a honra de indivíduos de todas as tribos, línguas e nações, como lemos em Apocalipse.

A razão para criarmos mais e mais conteúdo cristão é, portanto, missionária. Precisamos trabalhar com afinco para que homens e mulheres cristãos sejam instruídos e capacitados para a missão cristã de perto e de longe, local e transcultural. É por isso que, pensando nisso, não apenas recheamos esta edição com um artigo especial que fala sobre os males do *churchismo*, mas trazemos a você, mais uma vez, artigos das mais diversas áreas da fé cristã. Nosso desejo é ver você equipado, preparado. Queremos mostrar que todas as áreas da sua vida devem estar subordinadas à sua fé e, obviamente, se você é um cristão, toda a sua vida deve estar apontada e firmada na Palavra. É através do conhecimento que você adquire da Palavra, que sua missão de levar o Evangelho ao mundo é cumprida e Cristo é adorado por mais e mais línguas, mentes, pulmões e corações.

O Espírito Santo é Aquele que nos instrui falando na Palavra, apontando sempre para a Palavra como o meio designado para conhecermos Sua vontade. O Espírito

Santo não nos chama para fora da Palavra. Nisso, cada texto aqui publicado tem por objetivo ser instrumento nas mãos do Senhor apontado para a Palavra.

Por outro lado, realmente existe um certo tipo de conhecimento bíblico inútil, se este é meramente acumulado sem a operação do Espírito Santo e a obediência a Ele. Causa escândalo a todos ver muitos que conhecem, mas não praticam. Mas esses não-praticantes não invalidam a relação que existe entre Bíblia e Espírito Santo. Muito menos o trabalho do Espírito de glorificar a Cristo, na medida em que guia o Seu povo em toda a Verdade.

Resumindo:

- a) Se buscarmos o Espírito Santo sem a Palavra, nos expomos ao engano do nosso próprio coração pecador.
- b) Se buscarmos a Palavra sem o Espírito Santo, obtemos só informação, não transformação.

Devemos, portanto, buscar o Espírito Santo na Palavra, porque é este o local designado por Ele para O encontrarmos. Temos que estar sempre suplicando que o Espírito Santo venha com poder sobre a Sua Palavra, a fim de sermos transformados por Ele, por meio dela.

Receba o exemplar desta revista como sendo o fruto do trabalho de muitos irmãos que desejam que você não apenas leia, mas possa compreender, amar e praticar a Palavra, bem como expor, explicar e aplicá-la mundo afora – tudo isso no poder do Espírito Santo.

Editorial publicado anteriormente em Revista Fé Cristã, edição nº 3.



Quando os olhos se fecham no mundo e se abrem **NA GLÓRIA**

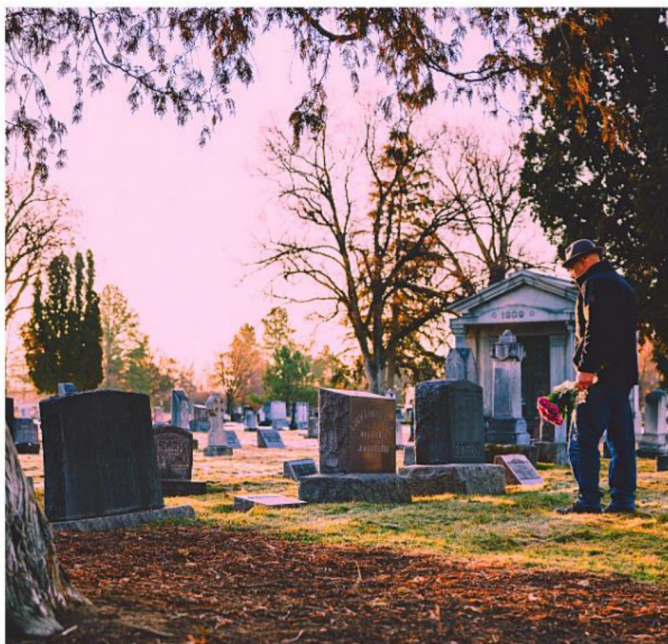
“E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.”
Apocalipse 21:4

O ano de 2020 tem sido um ano muito difícil – um ano de muitas dores, frustrações e de muitas lágrimas. Perdemos J. I. Packer, Nilma, esposa do Paulo Cezar, fundador do grupo Logos; Fabiana Anastácio não conseguiu vencer o Covid-19. Na terça-feira, 4 de agosto, uma explosão matou mais ou menos 220 pessoas, em Beirute, no Líbano. Onde congrego, perdemos a nossa irmã Lícia, também vítima do Covid-

19. Em grupos de estudos, primeiro era pedido de oração e, em seguida, a notícia de mais um que partiu.

Todos os anos, coisas ruins acontecem; mas, especialmente em 2020, parece que tudo isso ocorreu em um grau maior! Obviamente que, na história da humanidade, houve épocas bem piores do que a nossa. Mas, quero me ater ao hoje, naquilo que nós estamos vivendo!

Não é verdade que, na Bíblia, encontramos incontáveis promessas em relação à resposta de Deus às nossas orações? Diante de tudo isso, no entanto, é



compreensível que alguns irmãos duvidem acerca de Deus, se realmente Ele ouve as nossas orações.

Quando nos deparamos com pessoas que amamos, no leito de morte, entre o aqui e o além, nos apegamos a promessas como a de Mateus 21:22 que diz: *“E, tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis.”*

Ora, se Jesus disse isso, logo, Ele há de cumprir. Então, as pessoas, cheias de confiança em promessas como essa, logo descartam a possibilidade de seu amado(a) partir. E quando descartam essa possibilidade, acabam como que esquecendo do plano eterno de Deus, o qual não conhecemos. É daqui que nascem as decepções.

Se sua vontade se choca com a vontade de Deus, Isaías nos diz quem vencerá: *“O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade”*, (Isaías 46:10). Sim, a vontade do Eterno prevalecerá. Se a vontade do Senhor for colher seu amado ou sua amada, Ele o fará!

Bem, eu compreendo que, agora mesmo, você pode estar ainda mais chateado com Deus. Independentemente de como a pessoa estaria vivendo entre nós, seu desejo era tê-lo por perto. Nunca estamos prontos para despedidas.

Isso se dá por muitos motivos. Um deles é que não queremos pensar sobre a brevidade da vida não queremos aceitar que vamos partir, tampouco que um dia vamos nos despedir de quem mais amamos.

A verdade é que, quando estamos a sós, e pensamentos sobre a morte nos vêm à cabeça, a nossa reação é tentar

fugir desse pensamento, visto que não estamos prontos — e nem queremos estar, para essa realidade.

Cantamos, ligamos o som nas alturas, procuramos com quem conversar, tudo isso para fugir desses pensamentos. Por qual razão você pensa que as pessoas passam mais tempo conectados, navegando nas redes sociais? Por que ninguém consegue e deseja ficar só, em silêncio? Muitos de nós, gostamos de acreditar que não iremos partir.

Alguns desejam o arrebatamento, não porque querem ver a face de Deus, mas é justamente para não ter que passar pela morte, que é quando os olhos se fecham nesse mundo.

Bem, o que sei é que até aqui, tudo parece muito triste. Principalmente se você é um daqueles que sai selecionando em quais promessas bíblicas vai depositar sua esperança.

Mas, se você é daqueles que ama *todo o conselho de Deus*, então, vai entender que, para os cristãos, quando os olhos se fecham nesse mundo, isso não é motivo de tristeza, mas de alegria!

Qual era a razão de Paulo dizer à igreja de Filipos que: *“porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”*?

A razão é que, para Paulo, toda a Escritura é inspirada por Deus e, portanto, todas as promessas hão de se cumprir. Se realmente cremos que toda a Escritura é a Palavra de Deus, então, pensar sobre a brevidade da vida deve nos trazer gozo, e não tristeza.

Mais uma vez, Paulo nos é exemplo disso. Em Filipenses 1:23, Paulo diz que tem *“desejo de partir, e estar com Cristo”*; pois, para ele, *“isto é ainda melhor”* do que ficar neste mundo caído.

Eu fico a imaginar o quanto Paulo desejava fechar os olhos nesse mundo, caído, cheio de pecado e, então, abri-los na glória! Talvez, você esteja pensando: ah! Paulo viu o Cristo! É fácil crer assim.

Então, me permita lhe trazer um fiel soldado de Cristo, que viveu no século XVIII, como exemplo. Seu nome era David Brainerd.

Quando estava próximo da morte, no seu leito, alguém entrou no quarto com a Bíblia, de maneira que, então, ele exclamou: *“oh! querido livro! Breve hei de vê-lo aberto; os seus mistérios então me serão desvendados!”* À medida em que ficava mais fraco fisicamente, mais

anelava a presença de Deus. Dizia ele: “Fui feito para Eternidade. Como anelo a presença de Deus!”

Brainerd teve uma vida difícil. Não teve saúde. O Senhor não lhe permitiu ter o seu diploma que tanto desejava. Brainerd também não casou. Morreu com apenas 29 anos. Suas últimas palavras, todavia, não foram de lamento por não ter tido saúde, nem por não ter desfrutado dos carinhos de uma esposa. Suas últimas palavras foram: “Oh! vem Senhor Jesus! Vem depressa!”

De onde vem tal desejo, que estava em Paulo, e em Brainerd? Melhor: de onde vinha essa coragem para enfrentar o derradeiro momento da morte? Sem dúvidas, do amor ao Senhor e da confiança em Sua Palavra!

David Brainerd sabia que, embora seus olhos estivessem para se fechar aqui, com seu corpo abatido por causa da tuberculose, ao abrir os olhos na glória, e quando na ressurreição, veria seu corpo perfeito. Glorificado! Brainerd sabia que é depois da morte que realmente passamos a viver! Sim, meus irmãos, enquanto aqui no mundo, estamos morrendo. Aqui, neste presente século, só temos dores, aflições, enfermidades.

Todos os dias, pessoas estão sofrendo com câncer. Pastores são achados em depressão devido a tantos problemas. Missionários abatidos, por terem sido abandonados. Jovens chorando, sem alegria, por perder batalhas contra o pecado; aqui neste mundo, há muita dor, lágrimas e tristeza.

Lá na glória é diferente. Lá, as lágrimas serão enxugadas. O pecado não mais nos tirará a paz. O diabo

não poderá nos acusar. Ah!, meus irmãos. O cego verá o Sol da Justiça. O que era manco, correrá para o Senhor; quem era cadeirante, dançará livremente! Os que estão paraplégicos aqui, andarão de mãos dadas com você. E comigo. Cristo, o Rei dos Reis, nos receberá. Com o nosso Senhor, vamos cear!

Meu coração exulta enquanto escrevo.

Na glória, encontraremos os nossos amados irmãos que partiram com Cristo. Lá viveremos verdadeiramente. Tudo isso vai acontecer quando os olhos se fecharem no mundo, e se abrirem na glória!

Lembre-se que quem, em Cristo, morreu aqui, nunca mais irá morrer. E suas obras lhe acompanham.

Eu não quero aqui dizer para você que tristeza e luto são reflexo da falta de fé. Longe disso. Só estou dizendo que, se cremos verdadeiramente na Palavra de Deus, quando pensarmos sobre a brevidade da vida, estes serão momentos por demais doces para nós!



Henrique Vidal, 26 anos, é membro na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador – BA, onde é professor e coordenador da Escola Bíblica Dominical, e diretor de missões.

CURSO ONLINE

DISCIPULADO PARA UM EVANGELHO INEGOCIÁVEL

Procure pela
página Evangelho
Inegociável no
Facebook e saiba
mais.

Com
Rev.
Marco Cicco



EVANGELHO INEGOCIÁVEL

NÃO PERCA!

Gratuito!

TIRA AS SANDÁLIAS DOS TEUS PÉS!

O MUNDO SAGRADO DAS RELIGIÕES

Entendendo o sagrado a partir dos seus
pressupostos. Preparando o caminho para o
Evangelho.

Em 2015, enquanto cursava a pós-graduação em Antropologia Intercultural, visitamos os *Dessana-Tukana*, nos arredores de Manaus, no Amazonas, Brasil. Após acompanhar apresentações de sua rica cultura, conversamos com o *tuxaua* (cacique), e perguntamos se já haviam tido algum contato com a fé cristã evangélica. De pronto, ele respondeu-nos que não tinham interesse nenhum nesse assunto, pois um missionário que visitou a aldeia, não sabendo lidar com a cultura, meramente concluiu que suas manifestações religiosas tinham origens satânicas, dificultando assim o caminho do Evangelho naquela tribo.

A missióloga Barbara Burns (1995:10) afirma que “devemos humildemente procurar compreender um povo com o qual trabalhamos, falando a sua língua e evitando todo escândalo cultural que possa fechar as portas para o Evangelho”. Este artigo propõe introduzir o leitor no universo vasto das manifestações religiosas encontrados na missão transcultural, buscando entender

Tomando esta experiência missionária como referência, podemos enumerar fatores religiosos que demarcam a identidade do povo licaônico, tais como

- o tempo sagrado: “*desceram até nós*”,
- utilizaram sua língua local: “*levantaram a voz... em língua licaônica*”,
- tinham templo e adornos próprios: “*templo... touros ... grinaldas*”
- e, também, seres mitológicos: “*Mercúrio e Júpiter*”.

Todos esses aspectos culturais especificam, desta forma, um grupo étnico, situado num dado momento histórico, língua e visão de mundo, em um dado lugar geográfico. Dentre todos os aspectos culturais a serem levados em conta na aplicação do Evangelho, compreender o mundo religioso e suas manifestações ocupa um lugar de destaque.

O universo religioso invade a vida cotidiana da Humanidade. Ao andarem pelas ruas, as pessoas expressam suas crenças em gestos, jargões e expressões. Na obra missionária transcultural, isto se torna evidente: as culturas carregam grande parte de sua composição formada a partir de uma cosmovisão religiosa. Entendendo tal sensibilidade cultural, o empreendimento missionário recai no objetivo proposto por Lidório (2008:04), parafraseando David Hesselgrave, que é comunicar o Evangelho fielmente e humanamente inteligível para homens dentro de uma cultura dotada de todo tipo de crenças, afastados da glória de Deus, necessitados de Sua preciosa Graça.



Do acervo do autor: dança de capi'haia, representando a gênese da família Dessana-Tukana.

a cultura a partir de suas cosmovisões, com o intuito de minimizar ideias pré-concebidas, que levam ao preconceito e impedimento da pregação da Palavra de Deus.

Em Atos 14:6-19, temos uma passagem bíblica que ilustra uma missão transcultural travada por elementos religiosos. Na ocasião, os apóstolos Paulo e Barnabé, pregando o Evangelho nas regiões de Licaônica, se depararam com uma situação inusitada: os habitantes aldeões interpretaram os atos evangelísticos a partir de seus pressupostos religiosos, ao ponto de desejar sacrificar os apóstolos que, com muita dificuldade, escaparam da morte, com Paulo quase morto, apedrejado pelos judeus.

Comunicar fiel e inteligentemente o Evangelho dentro de um mundo religioso distinto exige ferramentas adequadas. Para uma análise teológica e missiológica da religião nos apoiaremos em *insights* dos missionários Cácio Silva, Lidório, Hiebert, Van Der Leeuw dentre outros, ancorando-nos em teóricos clássicos da sociologia, como Durkheim, Mircea Eliade, Bourdieu entre outros. Nossa reflexão permanecerá centralizada nas manifestações religiosas, suas origens, suas funções sociológicas, com o intuito de compreendermos como os grupos étnicos relacionam-se com o mundo e com os homens, e como seus valores simbólicos aplicam-se em sua história.

À medida que trilhamos esse caminho, analisar-se-á os componentes da estrutura que forma a construção da realidade religiosa vivida numa sociedade, buscando mapear os elementos que constituem a multiplicidade do mundo religioso dos povos. O propósito é

conscientizar que, do outro lado, os povos não estão aguardando passivamente os pregadores da Palavra de Deus, antes, eles têm suas convicções religiosas bem definidas.

A Religião – penetrando o mundo sagrado e suas relações

A religião revela o sagrado como uma realidade absoluta, construindo uma forma de ver o mundo através de seus fenômenos religiosos. Por fenômeno, entendemos, como na citação de Cácio Silva (2014:18), fazendo menção do fenomenólogo Mensching (1901-1978), “a experiência do encontro com o Sagrado”, uma consciência ordenada pelo “Outro Divinizado”, influenciando todos os aspectos da cultura, lhe conferindo uma definição de ser e estar no mundo, ajudando a tornar o mundo religioso mais coerente, respondendo questões sobre nascimento, relações sociais, morte e outras implicações da vida cotidiana. Por esta razão, a fenomenologia abarca sua pesquisa na essência das experiências humanas, partindo de suas diversas manifestações (religiosas, psicológicas etc.), as quais são denominadas como fenômenos, ou seja, aquilo que aparece, se manifesta culturalmente (SILVA, 2014).

O termo “religião” significa literalmente *religar* o homem a Deus ou a alguma outra divindade, e transmite também a idéia de um sistema de crenças e tradições arraigadas numa visão de mundo e compartilhadas numa sociedade. Desta maneira, as crenças religiosas têm função de tornar o mundo autorizado, legítimo, produzindo plausibilidade, isto é, fazem com que os problemas sociais possam ser superados e explicados. A crença religiosa torna o mundo possível, sem falar que dizem sobre como viver com o misterioso e poderoso mundo espiritual. Peter Berger (1985) contribui para esta definição expondo que as experiências religiosas são situadas como a forma de manutenção da realidade, deslocando a vida à certa ordem poderosa e dotada de significado. A religião, por ser construída sob uma consciência coletiva, confere aos indivíduos uma identidade social e o sentimento de pertencimento.

Deve ser considerado que o desafio da missão transcultural proporciona que o missionário se depare com muitas formas religiosas, e seja confrontado com signos não interpretados, tendo a necessidade de que alguém o revele do que se trata tais manifestações. Neste ponto, há uma separação entre aqueles que se escandalizam, por causa de suas conclusões precipitadas e despreparo, e aqueles que procurarão encontrar o caminho para introduzir o Evangelho

naquela cultura. Como expressou Gerardus Van Der Leeuw (1964), “podemos tentar compreender a religião sobre uma superfície plana – partindo de nós”, o que resultaria em respostas comprometidas com nosso modo de ver o mundo e não com o modo do outro, o que nos levaria a cairmos na armadilha de dizer que tudo é manifestação diabólica. Van Der Leeuw propõe que busquemos compreender as religiões “até o fundo”, ou seja, penetrar o mundo religioso.

Olhar treinado – olhar ético, êmico e êmico-teológico

A verdade é que precisamos entender como olhamos o outro, como construímos a imagem do outro. Para que fuçamos de uma análise superficial, é necessário um olhar que alcance “até o fundo”, como disse Van Der Leeuw. Para tal tarefa, juntamos os teóricos Kenneth Pike (1912-2000), Lidório (2010) e Silva (2014) em suas pesquisas sobre como olhamos o outro, separadas em três tipos ou modos de olhar: das perspectivas ética, êmica e êmico-teológica.

Cácio Silva (2014:25) explana que a perspectiva ética é a visão externa, do observador, numa postura transcultural, comparativa e descritiva. Perspectiva êmica é a visão interna, do observado, numa postura cultural, particular e analítica. Perspectiva ética é de quem está olhando de fora. Perspectiva êmica é de quem olha de dentro. Ética é a visão do “eu” em direção ao “outro”. Já a êmico-teológica, proposta por Lidório (2010:54), consiste em compreender os fenômenos culturais, expondo o Evangelho dentro da cultura de forma viva e aplicável, compreensível em seu próprio universo, o que é possível após o missionário ter tido uma visão êmica do povo. Vale dizer que a visão ética (partindo de nossos pressupostos) é automática, enquanto a êmica (partindo do olhar do outro) exige um esforço de quem a exerce, já o olhar êmico-teológico diz respeito a como as Escrituras podem ser aplicadas no contexto transcultural (SILVA, 2014).

O valor desta abordagem é enfatizar a necessidade de se ter um olhar observador esvaziado de si mesmo, sem julgamentos prévios. LaPlantine (2004:9-15) compreende que uma leitura despretensiosa do outro envolve “a visão, o olhar, a memória, a imagem e o imaginário, o sentido, a forma e a linguagem”. O antropólogo brasileiro Cardoso de Oliveira escreveu que o “trabalho do antropólogo é olhar, ouvir e escrever”, o que pode ser dito também para o missionário em contextos culturais diversos. Tais reflexões geram um olhar ampliado de si e de como vemos os outros, contribuindo para uma imersão étnica em um nível mais profundo.

Elementos do sagrado – fatores que permitem as manifestações religiosas

Convido você a observar a foto, se colocando no lugar de um missionário que intenciona levar as boas novas a este povo. Qual ponto de partida poderia ser sugerido a ele a fim de que as ideias que estão por trás da experiência religiosa deste grupo possam ser entendidas?

Diante da indagação, iniciaremos uma análise descritiva dos elementos que compõe a religiosidade de um povo, assim como suas funções. Geralmente, os homens constroem mundos dos mais diversos. Mundos que objetivam a vida. Que servem como bússolas que apontam que tipo de vida se deve viver.

existencial. A religião desempenha um papel funcional na estrutura cultural dos povos. Após essas considerações, analisaremos alguns fatores que possibilitam o universo religioso dos povos.

SAGRADO E PROFANO – o portal do mundo espiritual

Estes termos são amplamente estudados no campo da Antropologia. Alguns dizem que juntos eles são o núcleo das principais e mais importantes teses. Nesta corrente, como expoentes do *sagrado e profano* temos os teóricos Durkheim e Eliade. Por exemplo, para Durkheim (1912), duas classes são observadas nas estruturas das religiões, que seriam seus opostos, o que gera essa designação a partir dos opostos dentro da



Do acervo do autor: aldeia da etnia Canamari, em Tefé/AM, reunidos após várias apresentações ritualísticas que, como processo educativo, têm o intuito de afirmação étnica e continuidade de suas crenças.

Para Berger (1985) as crenças religiosas são interiorizadas, exteriorizadas e objetivadas, ou seja, interiorizadas porque os indivíduos vivenciam suas crenças, exteriorizadas por situar num mundo que lhes é próprio, de maneira que sua realidade é objetivada pelos elementos sagrados.

A religião serve como mantenedora de tradições, jaz na própria existência da etnia, de modo que pensar em sair dela é o mesmo que romper e cair num abismo

própria crença religiosa, dando origem à noção do que é sagrado e do que é profano. Já Mircea Eliade (1992) prescreve o comum e cotidiano como “profano” e o incomum como “sagrado”, isto é, aquilo para o qual o acesso exige requisitos e formas. Para ele, o sagrado remete à vida religiosa e o profano à vida secular. Para um crente, a Igreja faz parte de um espaço diferente do restante da rua, permitindo acesso ao sagrado em meio ao mundo profano (ELIADE, 1992:19). Neste aspecto, o mundo sagrado é materializado através do processo de

sacralização do tempo, do espaço e de seus habitantes, sendo exteriorizado por suas representações que são definidas pela orientação religiosa.

TEOFANIAS E HIEROFANIAS – o deslocamento do sagrado

Teofania é a manifestação divina ao homem, é quando este registra o encontro com o sublime. Como dizia Rudolf Otto, o “totalmente outro”, que chamamos de Deus. Esta manifestação pode ocorrer, eventualmente, através de rituais e cerimônias. A *hierofania* é tudo aquilo que concretiza o sagrado, materializando-o. Nas palavras de Mircea Eliade (1992:13) é “a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna, pedra ou uma árvore – e até a *hierofania* suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo”.

A religião produz, por natureza, *teofania* e *hierofania*, tornando lugares, tempos e coisas comuns em elementos sagrados de modo que para “aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural” (ELIADE, 1992), atingindo um caráter de realidade objetiva, exteriorizada, e internalizada no indivíduo que vive as experiências religiosas, causando-lhe um sentimento de pertencimento num mundo que lhe faz sentido.

Certa feita, fui chamado a comparecer a uma aldeia Canamari nos arredores de Tefé/AM, o que ficou registrado na foto anterior, devido ao fato de que uma mulher evangélica estava causando transtornos e tensões, por concluir que os objetos, pinturas, e danças típicas do grupo étnico que lá vivia eram do diabo - na ocasião, a dança de *Aiapó* (papagaio), uma dança de recepção.

Perguntei àquela mulher o que levou ela a demonizar essas manifestações. Ela simplesmente disse que era do diabo por ser uma forma diferente de buscar o divino. Informei-a que era missionário e pastor, como também especialista em Antropologia, indagando-a se ela comemorava aniversário, e se, no aniversário, ela fazia bolo, posicionava as velas no meio do bolo, assoprava as velas, convidava alguns e não todos. Ela concordou com tudo, então levei ela refletir que tal prática também se tratava de um ritual com elementos não-cristãos. Assim como a comemoração de aniversário não é bíblica, a dança de *Aiapó* também não é, porém, ambas as práticas não ferem os princípios bíblicos. Ela se tranquilizou, e a tensão foi minimizada.

Evitar tais situações é o objetivo de conhecer o sistema religioso. Como diz Cácio Silva (2014) “o alvo é compreender o que cada fenômeno significa para o

homem religioso”. Essa tarefa levará o missionário a penetrar mais fundo, acessando as camadas mais profundas da cultura local. Enquanto o Evangelho for pregado, surgirão questões delicadas, como sacrifícios de animais, casamentos polígamos, entre outras. Obter uma sensibilidade cultural é algo que orientará o missionário na tarefa de ajudar o povo local a encontrar uma resposta bíblica e relevante para sua cultura.

Às vezes, elementos religiosos serão deixados, sendo ressignificados, outros serão extintos (quebrando tabus), e ainda outros serão introduzidos, substituindo outros (substituto funcional). Cácio Silva (2014:50) entende que a *hierofania* abre espaço para que se possa compreender a história da religiosidade do povo, a forma como seus indivíduos veem o sagrado, as origens de sua crença, ritos, mitos e maneiras de habitar o *cosmo*.

DEUS E DEUSES

Em seu livro *Fenomenologia da Religião*, Cácio Silva, que também é missionário, propõe entender que as religiões têm diferentes concepções acerca das divindades, podendo ter deuses urânicos, deuses terrenos e deuses subterrâneos. Os urânicos seriam os que habitam o céu, pertencentes a uma classe superior, geralmente relacionados à criação do *cosmo*, os terrenos são espíritos que permeiam a vida em todos os aspectos e o grupo dos subterrâneos consiste daqueles que habitam o “inferno”, que são considerados indesejados. Nesta classificação, o comportamento das divindades varia entre bom, mau e aético (bom e mau, comportamento duvidoso).

Quando adentrava, com os indígenas da etnia *Cocama*, nas florestas, não entrávamos sem que eles, antes, recitassem um mantra, a fim de bloquear possíveis encantos de espíritos aéticos (maliciosos). No continente africano, onde o animismo impera, a maioria dos acontecimentos da vida cotidiana são considerados atos de feitiços, sendo explicados pelo viés religioso. Normalmente, as pessoas procuram manipular os espíritos, principalmente de origens malignas, que elas acreditam que são os contribuintes de sua má sorte ou boa sorte. Cácio comenta que os povos, assim, desejam ver o que o Deus do missionário pode fazer.

Segundo Paul Hiebert (2008), a batalha não é entre o “bem” e o “mal”, mas entre “nós” e os “outros”. Conversões a novos deuses frequentemente seguem o dramático “confronto de poder”. Conhecer o território religioso, portanto, situará o missionário em posição segura para apresentar o Deus de Israel.

Mito e Rito – origem, fixação e continuidade da religiosidade dos povos

O *mito* é um relato, uma narração de um tempo sagrado, de maneira que o evento histórico pode ser vivenciado por aqueles que narram e ouvem. O mito é mais real e mais verdadeiro que o tempo presente, evoca um acontecimento especial e marcante, tendo a função de explicar a origem, como também fixar uma crença.

O *rito* é uma atividade que torna real a religiosidade, que tende a causar um efeito no mundo dos homens. Os ritos podem ser distinguidos entre ritos de nascimento, puberdade, matrimônio, funeral, cura, consagração, invocações etc. Enquanto o *mito* é a verbalização do mundo religioso, o *rito* materializa o sagrado na vida das pessoas, produzindo continuidade na crença religiosa. Ritos contêm cânticos, pinturas, bebidas, danças e apetrecho, causando efeitos psíquicos, psicossomáticos e emocionais, podendo o fenômeno religioso ser vivenciado.

“Sem uma compreensão adequada desses aspectos, dificilmente o Evangelho poderá oferecer respostas culturalmente relevantes para o povo” (SILVA, 2014:88). No discipulado, a proibição indevida de um rito sem uma resposta bíblica, pode gerar uma desestruturação social e causar sérios danos à evangelização. A maioria dos ritos terão que ser ressignificados pela Palavra de Deus, por isso manter-se dedicado na oração, meditação nas Escrituras e um conhecimento cultural adequado devem ser atividades contínuas dos missionários no mundo transcultural.

Homens numa escala maior – hierarquias na religião

Há hierarquias no organismo de uma crença - nem todos podem lidar com o sagrado. No campo social do mundo religioso há esferas diferentes de poder, operações diferentes, distribuídas por variados tipos de realizações. Os conceitos de *poder simbólico* e *capital social*, do sociólogo Pierre Boudieu (1989), poderão nos ajudar a entender a relação das hierarquias na Religião.

Em toda organização religiosa existem critérios, onde somente alguns poderão efetuar as tarefas. A noção de *poder simbólico* consiste na distribuição de atribuições sagradas por hierarquia. Por possuir artes específicas, alguns indivíduos adquirem posições de respeito, são revestidos de autoridade, são legitimados através dos processos religiosos para operarem, adquirindo um *capital social* maior que os outros. Para exemplificar, podemos referir-nos a uma cultura indígena, que tem o pajé, o cacique e as rezadeiras. Cada um desses possui certo tipo de capital social exercido e reconhecido por

todos, de maneira que suas ordens e conselhos serão acatados.

Um episódio que enfatiza a importância de se saber a hierarquia religiosa pode ser encontrado no livro de Bruce Olson, *Por esta cruz te matarei*, no qual está registrado que, em certa ocasião, havia um alastramento de conjuntivite na aldeia dos *Motilones*. Ali havia uma médico-feiticeira que era responsável pelas cantigas de curas. Não obtendo resultados satisfatórios, ela caiu em tristeza, o que trouxe a Bruce uma oportunidade de oferecer a ela um remédio próprio, que chamou de “poção”, o qual ela rejeitou preferindo suas crenças. Foi aí que o missionário teve uma idéia: esfregou o dedo em um dos infectados, e pediu a ela que orasse a Deus usando a poção (*terramicina*). Ele foi curado, o que levou ela a usar a pomada em todos, de maneira que todos foram recuperados. A feiticeira ganhou o respeito de todos, e conseqüentemente passou a ouvir o missionário sobre mais poções de cura, até que Bruce pôde anunciar Cristo àquela tribo. Olson comenta que outros missionários a demonizaram antes de conhecerem as estruturas e o funcionamento de suas crenças, o que acabou gerando repulsa à fé cristã (OLSON, 2001).

O ponto crucial é saber em que território estamos e que tipo de força enfrentamos. Como disse Paulo: “*porque as armas da nossa milícia não são carnis e sim poderosas em Deus, para destruir as fortalezas (...) levando cativo todo pensamento a obediência de Cristo*”, (2 Coríntios 10:4,5). Em Atos 10, Pedro manifesta clara dificuldade em pregar o Evangelho a outros povos. Na missão de anunciar o Reino de Deus, travamos uma batalha, na qual as trincheiras serão fixadas em campos desconhecidos, perigosos, complexos e de difícil acesso. Nossa batalha é no campo religioso – é nesse campo que serão lançadas as sementes. Quando não sabemos quem são e no que creem as pessoas, pregamos de forma irrelevante e como ao ar.

Neste pequeno artigo procurei enfatizar alguns dos aspectos que compõem o mundo religioso, dos quais o missionário deve estar ciente. Não me preocupei em trazer possíveis estratégias para aplicar a mensagem bíblica, deixando isso para a próxima edição. Desejo terminar esta sessão com uma pergunta reflexiva: se não sabemos os pressupostos religiosos de um povo, como sabemos que estão entendendo o Evangelho? Como diz Lidório, corremos o risco de voltar para a casa dizendo: “Preguei fielmente a Palavra!”, enquanto o povo estará dizendo: “Não entendi nada.” Ou, pior: “Nada do que ele falou faz sentido!” Que Deus nos capacite!



João Paulo Vargas é missionário da SEMADI (Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus no Ipiranga/SP. Possui o bacharelado em Teologia pela FATERJ/RJ, licenciatura em História pela Faculdade Integrada de

Araguatins/TO, especialização em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis/GO, especialização em Docência Superior pela Universidade Cândido Mendes/RJ e especialização em Ensino da Filosofia pela Faculdade FUNIP/MG. Pós-graduando em Teologia Sistemática, pelo Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper. Tendo atuado com plantação de igrejas no Nordeste Baiano e no estado do Amazonas com comunidades ribeirinhas e indígenas, atualmente, se prepara com sua família para um projeto de plantação de igreja, escola e posto de atendimento de saúde chamado “Nouvelle Vie”, em Burkina Faso, na África. Casado com Almirana e pai da Sarah.

NOTAS

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* / Peter L. Berger; [organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos J. – São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BOURDIEU, P. *Poder Simbólico*. Tradução de Fernando de Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BURNS, Bárbara. *Costumes e culturas: uma introdução à antropologia missionária* / Bárbara Burns, Décio de Azevedo, Paulo Barbero F. de Carminati. — 3 ed. — São Paulo : Vida Nova, 1995.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*; tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HIEBERT, Paul G. *Batalha Espiritual e Cosmovisões*. Traduzido por Marcelo de Carvalho.

Artigo Revista *Antropos* – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008.

LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. Tradução de João Manuel Ribeiro e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LIDORIO, R. *Capacitação Antropológica: A antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e comunicação do Evangelho em contexto intercultural. Apresentação do método Antropos*. Instituto Antropos, 2008.

OLSON, Bruce. *Por esta cruz te matarei*. Traduzido por Dina Rizzi. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SILVA, Cácio. *Fenomenologia da Religião: compreendendo as ideias religiosas a partir de suas manifestações* – São Paulo: Vida Nova, 2014.

VAN DER LEEUW, G. *La religion dans son essence et des manifestaciones. Phenoménologie de la religion*. Paris: Payot, 1964 (Original em holandês de 1933).



Teologia no púlpito:

A teologia não existe para as salas de aula, mas para a igreja. É um direito da Igreja receber teologia diretamente do púlpito e é um dever do pastor tornar isso realidade. Estamos escondendo da Igreja e negando à ela "Toda a **Palavra** e "todo o **Conselho** de Deus" ao não pregarmos expositiva e teologicamente.

Churchismo

A decadência das "churchs"
do neopentecostalismo
ao neopaganismo

ARTIGO DO MÊS



Há alguns anos, o máximo que tínhamos de polêmica no meio “jovem-dinâmico-crente-ultrarrevolucionário-disney-cruj” era o Pr. Lucinho. Dava uma cheirada na Bíblia aqui, se vestia de Chapolin ali, mentia no ônibus para “converter” ateu... era aquele negócio meio nostálgico de “jovem fazendo loucura pelo Evangelho”. Coisa de pouco tempo, pouco tempo mesmo, e tivemos o alastramento do tal de “coaching” gospel, do culto “inclusivo” (até com celebração para os *pets*), de um abandono da “loucura” em favor de um certo sentimento identitarista, sempre mais subjetivista, puramente afetivo, de amaciamento do ego, embebido de antropocentrismos do tipo “você é o centro de Deus”, “você é o ponto fraco de Deus”, “Deus não te chamou pra discutir teologia”, “Jesus veio quebrar o galho, pois não estávamos conseguindo nos salvar”.

Se, há algum tempo, achávamos que o neopentecostalismo representava a maior ameaça à igreja evangélica brasileira, não imaginávamos que logo emergiria o tal de “churchismo” (melhor nome que o Natanael Castoldi conseguiu conceber para o movimento). No lugar daquele sincretismo “à moda antiga” e daquelas ondas “espirituais”, que isolavam culturalmente o movimento evangélico do resto da sociedade, estamos vendo uma profusão modernista de ideais progressistas, perfeitamente adaptadas ao paganismo de nosso tempo. É claro que o “churchismo” é mais *limpinho*, mais *inteligentinho*, mais *chiquezinho*, mais *quietinho*, mais “gel no cabelo”, mais

“budismo-light-classe-média-alta-urbanizada-universitária-politizada-isentona-liberalzona”,

mais “jovem místico”, mais “Raul Seixas no culto”, mais fundo de palco preto, mais daquelas luzinhas que piscam... é claro que parece, no primeiro contato, mais respirável. Mas, é justamente por isso que, de sua sedução, é muitíssimo mais nefasto. Acompanhe-nos através das profundezas do *churchismo*.

O trágico abandono do púlpito

Rookmaaker [1] afirma, no seu *Filosofia e Estética*, que a conformação do templo deve dizer respeito ao tipo de função que lhe é atribuído. Os templos cristãos, percebe-se, podem encontrar referências nos dois modelos judaicos apresentados nas Escrituras. Primeiro, o Templo de Salomão, cujas principais atividades giravam ao redor do Altar, simbolicamente sustentado por símbolos altamente significativos e centrado na mediação sacerdotal para a realização do sacrifício. O Templo, mesmo com a conotação de universalidade (o formato cúbico do Santíssimo), também falava do Deus de Israel, do Deus de um reino política e geograficamente organizado. Segundo, a Sinagoga, sem um Altar, sem o sacerdote mediador do sacrifício (e com o sacrifício dizendo respeito à entrega moral e espiritual de si a Deus por meio da obediência) e sem ornamentação simbólica significativa. O centro cúltico da Sinagoga é o Livro, não o sacrifício cruento (simbólico ou não), e onde o Rolo é aberto, ali é que o culto acontece.

Mesmo que os apóstolos que estiveram em Jerusalém nos primeiros anos após a Ressurreição prestassem seu culto nas imediações do Templo, a expansão ao mundo gentio, especialmente após a derrocada do Templo, levou naturalmente a uma adoção do modelo arquitetônico e litúrgico de estirpe *sinagoga* - inclusive porque Jesus, no Ministério, não presta culto no Templo, embora acesse sinagogas com alguma frequência em suas perambulações nas periferias de Israel. Os cristãos rapidamente compreenderam que o derradeiro Sacrifício do Deus Filho, feito de uma vez por todas na história cósmica, não deveria repetir-se, embora devesse ser sempre lembrado na refeição comunitária da Eucaristia. O uso tipológico da Escritura, centrando-a em Cristo, procedimento encabeçado pelo próprio Jesus, e as extensas discussões apostólicas realizadas com os judeus e judaizantes ao redor da Palavra, acentuaram a importância da leitura e do entendimento da Bíblia na vida e no culto cristãos.



Sem atermo-nos ao modo imperial de sustentação política, ligado a uma reatualização do Templo, falaremos do segundo modelo, do culto protestante e de seu resgate da configuração cristã primitiva e anterior à formalização imperial. Conforme Rookmaaker, o templo de culto protestante é econômico nos adornos e na forma, preferindo o formato retangular simples e sem excesso de distrações daquilo que existe ao redor do Púlpito e que é, sobretudo, posto e aberto nele - a Bíblia, donde se desvelam os dois atos mais significativos: a Leitura (muitas vezes coletiva) e o Ensino da Palavra. O púlpito está destacado e é mais ornamentado do que todo o resto, não para enaltecer o pregador, mas para direcionar todas as atenções ao que realmente é importante: a Escritura. Todo o louvor, entoado desde o púlpito e por toda a comunidade, deve girar ao redor daquilo que a Bíblia ensina, sustentando a totalidade das doutrinas cristãs. O ensino jamais poderá escapar da corroboração escriturística, centrando-se na Palavra para que a personalidade do pregador e suas próprias ideias particulares não ganhem maior destaque do que a Escritura e para que ele jamais seja mais interessante e querido à comunidade do que a Bíblia mesma. E que o reto ensino estimule os crentes a viverem como sacrifícios vivos ao Pai por meio do culto racional, possível a partir de uma mente transformada. Tudo no culto protestante deve transcorrer tendo o Púlpito e a Palavra como referência.

O que temos visto nalgumas *churches* sinaliza um distanciamento colossal do ideal acima apresentado. Repare que o púlpito está sendo retirado ou, na melhor das hipóteses, substituído por um “latão de jovem” (um tonel devidamente personalizado), ou uma armaçãozinha metálica quase invisível ou uma tímida estrutura de vidro cuja translucidez aponta para quem está atrás dele e não para aquilo que está sobre ele. Numa banqueta alta ou em pé, o pregador, dalguma forma, recupera a proeminência sacerdotal da mediação mística entre a comunidade e Deus. O fundo preto e escuro entre ele e a plateia é simbólico nesse sentido: o que há para além do pregador iluminado, senão mistério? A Bíblia perde transparência e auto-evidência - ela flutua no ar, nas mãos de seu comandante e detentor.

A redução ou o sumiço (simbólica e literalmente) do púlpito é sintoma e também causa de uma perda da centralidade da Palavra e do Ensino da Escritura no culto cristão, abrindo precedentes para uma celebração antropocêntrica (no louvor e no ensino), fundada nos interesses emocionais e afetivos dos ouvintes, no apelo ao individualismo e à expressão plena de sentimentos,

escafelandando o culto comunitário centrado na Palavra em favor de uma atomização excitada pela escuridão que turva os sentidos e destaca a figura humana do pregador, dando excessiva relevância para a sua personalidade e para as suas próprias ideias - daí ele virar um tipo de “popstar”.

Não é de surpreender que, ao fim e ao cabo, esse modo de funcionar leva a uma crescente secularização da mente dos crentes, que transparece em seu comportamento imoral e relativista e, sobretudo, na penetração sincrética da mentalidade liberal e pagã do *mundão* para dentro dos cultos - na sua forma, na sua liturgia, nas suas ênfases. Não é sem razão, também, que tais igrejas acabam enfrentando sempre maiores conflitos internos, decorrentes do egoísmo individualista, do descontrole emocional, da falta de santidade e de senso do sagrado e da resistência generalizada ao Ensino puro e simples e à autoridade.

Uma casa para viver

Logo no início do tópico anterior, afirmamos que “os templos cristãos, percebe-se, podem encontrar referências nos dois modelos judaicos apresentados nas Escrituras”. As igrejas católicas romanas tendem sempre a serem construídas parece que seguindo um padrão arquitetônico que faz referência ao templo judaico. Mais do que isso, não só os elementos da construção e da decoração parecem apontar para os elementos encontrados no templo judaico, mas, também, a liturgia é sempre recheada, através da Eucaristia, com uma reprodução do sacrifício templário, onde o Cordeiro é morto sobre o altar de novo e de novo, vez após vez, sempre que o povo se reúne para celebrar a missa.

Diferente disso, o prédio de uma igreja protestante é sempre construído de maneira que a Escritura tenha proeminência. Todas as distrações decorativas são evitadas, bem como todo desvio litúrgico. Antes, tudo é previamente preparado e organizado para cooperar e enfatizar a centralidade da Escritura, como acontecia nas sigagogas judaicas, e nisso já nos detivemos anteriormente.

Essas são verdades sobre dois mil anos de cristianismo. Nos últimos dois milênios, portanto, tanto a arquitetura quanto a liturgia cristãs estiveram voltadas para estes dois símbolos do culto ao Deus vivo: o templo e a sinagoga. É fato bíblico incontestável que “Deus não habita em templos feitos por mãos de homens”. Mas, com igual força, é fato histórico que os cristãos sempre construíram seus templos de acordo com o elemento cúltico que desejavam enfatizar. O templo judaico, onde

ARTIGO DO MÊS

o sacrifício é realizado sempre de novo em favor do povo, ou a sinagoga judaica, onde a Escritura é exposta, de maneira que o povo é conscientizado sobre Aquele que vem e que realiza o sacrifício de uma vez por todas.

Isso, no entanto, foi abandonado pelo “movimento das *churches*” - as novíssimas igrejas emergentes de nosso tempo. Se olharmos para trás, na história cristã, veremos que em nenhum desses seus dois braços, o catolicismo romano e o protestantismo, é possível identificar aquele fenômeno que hoje se reconhece nestas igrejas. Uma *church* não tem altar (catolicismo), não tem púlpito (protestantismo), mas é uma terceira coisa, que diz respeito à uma nova ênfase, e que se diferencia de maneira gritante do cristianismo histórico, ou do cristianismo “de sempre”. Trocando em miúdos, o *churchismo* se afasta do cristianismo completamente.

Em seu livro, *O Rosto de Deus*, Roger Scruton [2] ensina que uma casa é organizada de acordo com o propósito previamente estabelecidos para aquele local. Uma casa pensada pelos proprietários com o propósito de ostentar, *espetacularizada*, feita para ser uma “casa de revista”, de vitrine, não será construída e organizada para que nela se viva de fato, isto é, não servirá para que nela a vida seja experimentada. Tal casa é feita sob medida, de modo até muito artificial, para causar uma impressão. Por outro lado, o “rosto” de uma casa de família, ou até mesmo da casa da vovó, enfim, a casa que é resultado da vivência, que é produto do comportar o viver de pessoas mergulhadas na realidade pura e simples, não são casas

feitas tão sob medida ou tão calculadamente, antes são o que são porque têm um pedaço de cada experiência, têm traços dos indivíduos que nela habitam, têm marcas nas paredes devido a algum episódio ocorrido com algum dos membros da família, sem falar nas lembranças de viagens, os desenhos de criança e outras peculiaridades. De certa maneira, as coisas na casa não se harmonizam pelo encaixe perfeito e previamente planejado, mas por que tudo ali conta uma história que desemboca na história maior daqueles que ali residem.

As igrejas que fazem parte do *churchismo*, este movimento impregnado de modismos gringos, não estão interessadas em serem um domicílio, um lar espiritual onde todos são membros da família de Cristo e, mais do que isso, onde todos sentam-se à mesa da comunhão e servem-se uns aos outros. Não. As *churches*, na verdade, estão preocupadas em vender uma ideia, nem que, para isso, tenham que criar uma espécie de ambiente ideal, espetacular, extraordinário e incomum, onde as pessoas não são recebidas na família, mas relegadas às suas individualidades.

É impressionante o quanto estas igrejas impedem as pessoas de verem o que Deus está fazendo. Elas são um incentivo a que todos olhem para o que Deus pode fazer. A felicidade e contentamento são sempre fixados em um ponto no futuro, em detrimento do que se tem no presente.

Dietrich Bonhoeffer, em seu livro *Vida em Comunhão*, na página 27, escreve:



“Deus odeia sonhos visionários”.

E continua...

“Isso torna o sonhador orgulhoso e pretensioso. O homem que modela um ideal visionário de comunidade exige que ele seja realizado por Deus, pelos outros e por si mesmo. Ele entra na comunidade dos cristãos com as suas exigências, estabelece a sua própria lei e julga os irmãos e o próprio Deus em conformidade. Ele permanece firme, uma viva reprovação a todos os outros no círculo de irmãos. Ele age como se fosse o criador da comunidade cristã, como se seu sonho unisse os homens. Quando as coisas não acontecem, ele chama o esforço de fracasso. Quando sua imagem ideal é destruída, ele vê a comunidade indo ao fracasso. Assim, ele se torna, primeiro, um acusador de seus irmãos, depois um acusador de Deus e, finalmente, o acusador desesperado de si mesmo.”

Suas palavras expuseram esse algo vergonhoso que todo jovem procura ao abandonar uma igreja tradicional em direção à uma *church*.

Em primeiro lugar, poderíamos nos fazer de tolos e perguntar: porque razão alguém escolhe um nome em inglês para uma igreja no Brasil? A resposta é um emaranhado de problemas.

E o primeiro problema é o problema da igreja ideal. Pessoas estão trocando uma congregação real por uma de sonho, uma “de revista”, cegas para a obra que Deus está fazendo bem diante do seu nariz.

Eis acima, nas palavras de Bonhoeffer, o drama do nascimento de uma *church*. Os irmãos reais são muitas vezes sacrificados na busca pelos irmãos ideais. Tudo é pragmático. O pastor deve ser o ideal. A banda deve ser ideal, com suas músicas *worship* ideais. A arquitetura do prédio e a decoração devem ser ideais para proporcionar o ambiente ideal para a adoração ideal.

Felizmente, Bonhoeffer ofereceu uma maneira melhor do que tudo isso: gratidão. “Porque Deus já lançou o único fundamento da nossa comunhão... entramos nessa vida comum não como demandantes, mas como destinatários agradecidos”.

Abraão foi chamado para um lugar que ele não podia conhecer ou imaginar completamente. Moisés não podia ter previsto que levar seu povo para fora do Egito viria com ambiguidades e quarenta anos de peregrinação. Até mesmo Bonhoeffer trocou a visão clara de perseguições acadêmicas na América para voltar ao caos da Alemanha nazista. Ele passou do conforto à incerteza — e eventualmente à morte — para

ministrar ao povo que Deus o havia preparado para servir.

Cada uma dessas pessoas lutou para reconhecer Deus na luz obscura do seu futuro. Cada um foi testado não pelo tamanho dos seus sonhos, mas pela forma como se apegaram ao que lhes tinha sido dado: geralmente apenas uma promessa. Eles acreditavam que Deus os estava guiando. Deus odeia o nosso sonho *churchista* porque a *church* ideal sempre nasce às custas de uma visão clara do nosso envolvimento nas pessoas e lugares reais, que nos rodeiam.

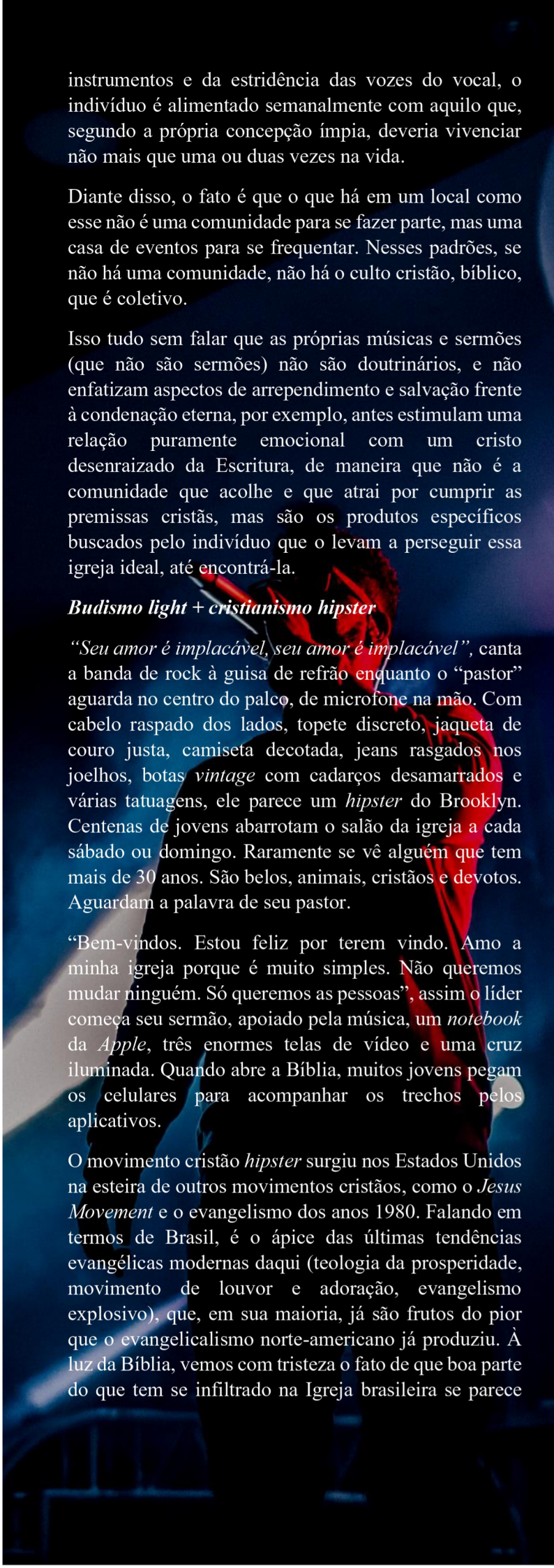
A church e a troca do culto pelo espetáculo

É óbvio, portanto, que o culto cristão deveria ser uma extensão da vida comum, e não um super evento. Deveria ser uma culminação do cotidiano, um tempo comunitário de adoração a Deus onde as pessoas não precisam se travestir em quem elas não são para se encaixarem na celebração. Um lugar no tempo e no espaço onde os elementos não são os ideais, mas os reais.

Infelizmente, e diferente disso, o *churchismo* tem trazido para o seio do mundo cristão as “igrejas-casas-de-shows” - igrejas onde shows e espetáculos ocorrem semanalmente, onde o ideal é projetado, construído e praticado a fim de que a clientela seja agradada.

Espetáculos como o show de gravação do DVD da banda *Coldplay*, em Paris, no ano de 2012, ou uma das apresentações do *Cirque Du Soleil*, em São Paulo, apenas a título de exemplo, são projetados para serem vividos uma ou, quando muito, duas vezes na vida. São pensados para marcarem a vida do indivíduo de diversas maneiras. Há todo um *constructo social*, uma vida em comunidade, pacata, comum, ordinária, fluindo naturalmente, quando, de repente, uma experiência espetacular como essas é vivida. Ora, o show não produz por si só aquele senso de pertencimento que a vida em comunidade produz. O espetáculo, portanto, nunca deve ser o padrão, do contrário, já não é espetáculo.

O *churchismo*, no entanto, traz para o seio da Igreja uma modalidade toda estranha de arquitetura e liturgia, que foge até a esta realidade sobre os shows mundanos – vai além. Olhe para a questão das paredes escuras e luzes apagadas. Estes, não são fatores que, ao invés de favorecerem o culto coletivo, incentivam uma busca individual, pessoal, egoísta, por experiências com o transcendente? Uma vez que não se enxerga as outras pessoas, como num espetáculo musical, e não se escuta as vozes da congregação, por conta do volume alto dos



instrumentos e da estridência das vozes do vocal, o indivíduo é alimentado semanalmente com aquilo que, segundo a própria concepção ímpia, deveria vivenciar não mais que uma ou duas vezes na vida.

Diante disso, o fato é que o que há em um local como esse não é uma comunidade para se fazer parte, mas uma casa de eventos para se frequentar. Nesses padrões, se não há uma comunidade, não há o culto cristão, bíblico, que é coletivo.

Isso tudo sem falar que as próprias músicas e sermões (que não são sermões) não são doutrinários, e não enfatizam aspectos de arrependimento e salvação frente à condenação eterna, por exemplo, antes estimulam uma relação puramente emocional com um cristo desenraizado da Escritura, de maneira que não é a comunidade que acolhe e que atrai por cumprir as premissas cristãs, mas são os produtos específicos buscados pelo indivíduo que o levam a perseguir essa igreja ideal, até encontrá-la.

Budismo light + cristianismo hipster

“Seu amor é implacável, seu amor é implacável”, canta a banda de rock à guisa de refrão enquanto o “pastor” aguarda no centro do palco, de microfone na mão. Com cabelo raspado dos lados, topete discreto, jaqueta de couro justa, camiseta decotada, jeans rasgados nos joelhos, botas *vintage* com cadarços desamarrados e várias tatuagens, ele parece um *hipster* do Brooklyn. Centenas de jovens abarrotam o salão da igreja a cada sábado ou domingo. Raramente se vê alguém que tem mais de 30 anos. São belos, animais, cristãos e devotos. Aguardam a palavra de seu pastor.

“Bem-vindos. Estou feliz por terem vindo. Amo a minha igreja porque é muito simples. Não queremos mudar ninguém. Só queremos as pessoas”, assim o líder começa seu sermão, apoiado pela música, um *notebook* da *Apple*, três enormes telas de vídeo e uma cruz iluminada. Quando abre a Bíblia, muitos jovens pegam os celulares para acompanhar os trechos pelos aplicativos.

O movimento cristão *hipster* surgiu nos Estados Unidos na esteira de outros movimentos cristãos, como o *Jesus Movement* e o evangelismo dos anos 1980. Falando em termos de Brasil, é o ápice das últimas tendências evangélicas modernas daqui (teologia da prosperidade, movimento de louvor e adoração, evangelismo explosivo), que, em sua maioria, já são frutos do pior que o evangelicalismo norte-americano já produziu. À luz da Bíblia, vemos com tristeza o fato de que boa parte do que tem se infiltrado na Igreja brasileira se parece

muito com o que foi dito do cristianismo africano, há algum tempo: tem 20km de extensão e 2 centímetros de profundidade. E isso inclui as *churches*.

Nessa onda americanizada, temos o discurso *evangelicofóbico* de muitos pastores à uma espiritualidade elitista, duma classe “urbanizada-limpinha-chique-acadêmica-média/alta” que tem tempo para essa nostálgica revolta juvenil contra a autoridade. Esta é a mais clara demonstração do que estamos tentando dizer, destacada num nível sociológico: é uma elite cosmopolita em sua expressão mais crua, querendo combater a “elite” eclesiástica. Tudo sobre este movimento cabe perfeitamente naquilo que o filósofo Luiz Felipe Pondé chamou de “*budismo light*”.

Se você aguentar a uma hora de ladainha, que é o que as “pregações *churchistas*” são, vai ver que se trata mesmo daquelas fantasias fetichistas de quem vive fora do mundo das pessoas normais e que, do alto de suas coberturas, se vê no direito de refazer tudo conforme seus gostos peculiares. É claro que esse *papo* que se ouve de pessoas como Victor Azevedo, Tiago Brunet, Ed René, está na medida perfeita daqueles jantares *inteligentes* de gente sofisticada, mas não serve para a vida real.

Victor, por exemplo, conhecidíssimo nas redes sociais, é um espetáculo deprimente e deve ser considerado em separado. Distorce a Bíblia em cada frase, revelando um nível de soberba, de pestilência e de desconhecimento incalculável. É um típico teólogo da corte, feito por encomenda para agradar seus financiadores, já que dota suas vidas vazias de um sentido espiritual – ainda que esotérico. É a realização de 2 Timóteo 4:3: “*Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências*”.

Pois bem. Como tudo é adaptado pelo movimento, também os congressos e fins de semana de seminário das igrejas tradicionais foram trocados pelas *conference*, cheias de cores e luzes, e produzidas em teatros e cinemas locados especialmente para esses eventos. Os preços dos ingressos - sim, quem quiser participar deve pagar a entrada - é o que assusta e que demonstra a mentalidade “*socialista de iphone*” desse movimento. Geralmente, são valores exorbitantes, os quais os crentes mais humildes não têm condições de pagar - e é também por isso que não se vê crentes humildes, de classe baixa, nessas igrejas. A “irmã do coque”, que estudou até a terceira série, não é bem-vinda lá. Ela faz parte de uma elite espiritual que

alimenta a elite eclesiástica que é justamente o que é combatido pela *church*.

Em todo o mundo, as igrejas evangélicas tradicionais procuram adeptos sobretudo em entornos rurais, ou nas favelas e lugares mais necessitados. *Churches* “budismo-light-hipster” querem seguidores urbanos. Seu objetivo são as metrópoles modernas, referências culturais com grande atrativo para os jovens, um terreno propício para sua liturgia peculiar: uma comunhão com Deus através da música e da meia-pregação, que combina concerto de rock, clube noturno londrino e culto religioso. É um sincretismo da última geração de igrejas evangélicas com a cultura dos jovens cristãos, nas quais a música sempre teve um papel fundamental.

“Não é preciso crer para estar aqui”, repete em todos os seus sermões aquele pastor.

É fato, também, que essas igrejas desenvolvem seus próprios conjuntos musicais, que possuem sonoridade bem semelhante com a sonoridade produzida pelos demais grupos do movimento, o que, depois, resultará na gravação de suas próprias músicas e no seu ingresso no mercado fonográfico. Os críticos dizem que não se sabe muito bem se as *churches* são igrejas que vendem discos ou se são gravadoras que oferecem consolo em paróquias.

A teologia simplista, apoiada em um Deus irredutível e em um criacionismo edulcorado; seu cristianismo *hipster*, no sentido literal do termo (inconformista); seu gosto por se cercar de famosos e sua unânime indefinição em questões como o aborto ou a homossexualidade atraem muitas críticas e, conseqüentemente, muitos adeptos.

O pastor quer falar de Deus, ou de Jesus, não de religião. A religião não empolga as pessoas, diz, mas Deus, sim. E muito. “O que Deus dá em forma de amor é cinco vezes mais valioso que qualquer coisa que você possa encontrar. Deus deve ser nossa única preocupação. Se algo for importante para você, será importante para Deus. O novo que está chegando se chama Deus”, proclama um outro pastor famoso (preferimos omitir o nome), enquanto a banda de rock atrás dele enfatiza suas palavras com a música. Em suas entrevistas, ele mesmo assegura que a religião morreu, e que em seu lugar está Deus.

“Olhe o que Ele pode fazer por você, não você por Ele”, acrescenta. Tanto à entrada como à saída do espetáculo, moças e rapazes com aparência de modelos saúdam ou se despedem de cada um. “Amamos vocês, só isso”, afirmam.

Mas, deixemos as críticas baratas e passemos a uma argumentação mais profunda.

Para Freud [3], a aderência ao cristianismo, da percepção do Pai divino como a fonte da autoridade e o legitimador do pai terreno, seria o caminho natural em nossa cultura. Mais especificamente: a emergência da figura paterna na relação mãe-bebê traz consigo a ideia do pai como regulador, como encarnação da lei. Na busca por definir-se, a criança, sobretudo o menino, confrontará o pai, a autoridade. Contudo, quando este menino compreender que o verdadeiro portador do Poder não é seu pai humano, mas o Pai divino, cuja inacessibilidade torna impossível a competição e a superação, muitos problemas se solucionarão: a religião cristã é, nesse ponto, um elemento tremendamente apaziguador. A questão aqui é que a percepção infanto-juvenil do mundo é altamente divina e teonômica. É coisa de milênios a identificação de uma matriz divina para todo o tipo de autoridade terrena, de maneira que o respeito às autoridades toma bases, antes de tudo, no temor à Autoridade.

Cristo é, pois, Aquele que confirma com clareza jamais vista a Autoridade do Pai, conforme Paulo compreendeu perfeitamente bem. Ele veio para salvar a humanidade, mas à luz da Graça, que não contradiz, mas confirma, a Justiça divina, que será transformada em Juízo assim que o tempo da Graça passar. O Mundo, então, será *apocalipticamente* aniquilado e refeito.

Conforme se lê em Becker [4], a Modernidade militou incansavelmente contra todas as narrativas coletivas tradicionais do Ocidente cristão. Por motivos diversos, ampliou-se a revolta parricida contra Deus Pai, destronado simbolicamente pelo avanço revolucionário de ataque às autoridades religiosas e seculares, tidas como representantes do Senhor. A investida contra os reis, como na França, era uma espécie de ataque a Deus [5]. Não ousaremos exaurir as possibilidades de explicação para esse fenômeno, mas nos parece que o desequilíbrio entre Estado e Igreja, Poder Burocrático-Institucional e Poder Carismático, de modo que o Poder Burocrático, ou o Estado, absorveu dentro de si a legitimidade carismática, tomando o rei como representante direto de Deus, imanentizando-O, colocou a figura do Pai divino suficientemente próxima para que o revolucionário, sedento pela Plenitude e pelo Poder de redefinição da Criação, fosse magneticamente tentado a matá-Lo na figura do rei e por meio do regicídio - o império iluminista do deísmo fez com que a figura régia fosse a derradeira representação do Criador na Terra [6]. Toda a revolução, já disse Meira Penna [7], se baseia no mito edipiano e se motiva pela

ARTIGO DO MÊS

morte do Pai, objetivando por meio dela a transferência da Autoridade. Daí o espírito antinômico (contrário à Lei) da Revolução, que intenta destruir a fonte da Lei em favor da customização de Deus segundo a imagem da criatura.

No contexto evangelical, a sedução antinômica também acontece, pois o *luciferiano* anseio parricida não necessariamente se desvia dos umbrais de certas igrejas. A leitura da Graça como uma negação da Lei, algo extremamente popular no *churchismo*, se baseia claramente numa negação da autoridade presente do Deus Pai, cuja atuação ficou em suspenso em favor de Cristo e do Espírito Santo, retida no Antigo Testamento.

trinitária não há a Vontade do Pai, a Lei, mas um entendimento muito restrito de “Amor”. Assim, a Trindade é desfeita num tipo de triteísmo, com o Espírito sendo dotado de uma impessoalidade emotiva e o Filho superando o Pai na corte celeste, bem ao estilo das religiões pagãs: o Pai é esterilizado, derrotado e isolado pelo primogênito da corte divina, que ocupa o Seu trono.

Toda a Potência do Pai fica, ao fim e ao cabo, retida no Filho e no Seu Espírito para, dessa divindade imanentizada, ser retirada também do Filho, que deixa de portar a Lei para resumir-Se apenas no antinômico Amor. Mas, se o Filho perde a Potência que estava no Pai, para onde ela vai? Onde fica residida a Autoridade? No homem, cujo impulso parricida “matou” Deus Pai,



Nalguns casos, chega-se a falar do “Deus do Antigo Testamento” como diferente (e mais punitivo) do que o “Deus do Novo”, que é Amor, não Juízo. Por meio do esquecimento do Pai, o Filho encarnado deixa de ser lido como a imagem visível da Trindade e a expressão corpórea da vontade do Pai para, na prática, reduzir nEle mesmo a totalidade trinitária. Imanentiza-se completamente o Senhor pela Sua redução à Encarnação e ao “Espírito do Filho”; e, sem a figura do Pai, toda a divindade é transfigurada no esquema antinomista: o Amor é, por conseguinte, sentimental e desregulado, uma força *nirvânica* que absorve a todos indistintamente, misturando-nos na essência divina. Deus é reduzido à expressão encarnada do Filho e ao Espírito, destituído do Pai, aleijando a Trindade Ontológica em sua modalidade Econômica: na economia

tomou o Filho, mais próximo, como Autoridade e, então, derrotou nEle o Pai, a Potência, por meio da absorção do *Nomos* em si. O Espírito Santo, conclui-se, fica como expressão do Poder do homem, que O comanda. A antinomia evangelical, quando ocorre, é tão revolucionária quanto a antinomia secularizada, pois acontece sob o mesmo mecanismo parricida. Tira-se de Deus toda a paternidade, toda a função legislativa, ordenadora e punitiva, transformando-O numa força antinômica de matriz amorosa, para que os próprios “cristãos” atuem enquanto legisladores e reordenadores revolucionários do Cosmos. O *Nomos* (a Lei, ou o Logos) fica retido nos “crentes”.

As heresias do movimento *worship* vão exatamente nesse sentido. Quando você se vê como “o ponto fraco de Deus” ou “o coração de Deus”, ou como tendo “o

mesmo valor que Jesus”, ou crendo que Jesus PECARIA comendo do Fruto, não está longe da índole revolucionária antinômica. Não é sem razão que Victor Azevedo, para justificar o espírito antinômico, busca desautorizar a Revelação, que expressa a vontade do Pai na Lei e em Cristo, anulando a doutrina da inspiração das Escrituras (e tomando o Antigo Testamento e o “seu Deus” como vis). Também não é sem motivo que o mesmo Victor já negou a Trindade, transformando-a num tipo de triteísmo ou num “monismo cristolátrico”. É coincidência que junto disso tudo ganhe corpo um sentimento de rejeição à instituição, à autoridade e à hierarquia? Não é sem razão que “alcântaras” e outros estão superenfatizando um amor antinômico e chegando a dizer que “somos iguais a Deus, pois fazemo-nos um nEle, misturados na Sua substância”, numa forma um tanto orientalizada e budista de ver a nossa fé. E o que é o budismo senão uma expressão antinômica do hinduísmo? Daí a “budinização” dos crentes *worship* ser quase inevitável.

Do neopentecostalismo ao neopaganismo

As primeiras igrejas do movimento *worship* eram meramente neopentecostais. Seus erros infantis e facilmente combatíveis causavam preocupação nas igrejas sérias, mas eram logo corrigidos por meio do esforço e da diligência dos teólogos mais proeminentes. O *churchismo*, no entanto, é uma salada de frutas com raízes nas mais diversas fontes de heresias da história cristã. É a legítima poção de bruxa. Se você meter a mão na panela, encontrará nada menos que os mais horripilantes ingredientes. Nisto, apesar da modernidade aparente, identificamos também uma enorme ligação deste movimento com o misticismo medieval, o que lhe transporta da posição de mero neopentecostalismo para a posição de neopaganismo cristianizado.

O misticismo, tema antigo da práxis católica, tornou-se, assim, um assunto da agenda protestante, e isso foi promovido pelo *churchismo*. Nesta abordagem, critica-se a superficialidade da piedade cristã tradicional, o suposto desinteresse atual da igreja por exercícios espirituais como meditação e contemplação, e a influência nefasta daquele tipo de teologia sistemática construída ao longo da história, que aparentemente faz uma abordagem mecanicista da realidade e não dedica espaço para as experiências.

Os adeptos do movimento gostam de se apresentar como aqueles que buscam uma teoria e uma práxis contemporâneas, enquanto criticam os pobres cristãos tradicionais e históricos que ainda vivem uma religião

atrasada e medieval. Eles acusam os outros daquilo em que eles mesmos estão enredados.

Não estamos dizendo que não haja absolutamente nada a aprender com os místicos medievais. Gostamos de pensar neles como possuidores de um interesse genuíno em uma comunhão mais profunda com Deus, desejando experimentar de maneira direta e pessoal o relacionamento com Cristo, ao mesmo tempo em que mantinham uma consciência clara da depravação de sua natureza pecaminosa e ansiavam por libertação. Identificamo-nos intensamente com eles nesses anseios.

Nosso objetivo principal neste tópico não é avaliar criticamente a espiritualidade dos medievais, mas sim refletir sobre o interesse das *churches* nesse misticismo medieval. Algo não se encaixa. Normalmente, os jovens-barbudos-com-suas-cruzes-*fashion*-no-peito são críticos das fases antigas da história da Igreja e não se interessam muito por elas - a não ser que tenham encontrado no misticismo da Idade Média semelhanças com a espiritualidade em que acreditam.

A primeira dessas semelhanças, como já dito, pode ser o foco na experiência, a ausência da Bíblia e o consequente esvaziamento de conteúdo teológico. Sei que alguns místicos citavam a Bíblia, mas vai uma distância muito grande entre fazer isso e desenvolver uma espiritualidade que seja decorrente da teologia bíblica. A piedade ascética certamente não era moldada pelas Escrituras, a começar por práticas como os votos de abstinência, a autoflagelação, o isolamento social e uma vida dedicada à contemplação, para não falar na busca de Deus de forma direta.

A mística medieval, com raras e notáveis exceções, é voltada para a experiência interior, para a busca do êxtase, do mistério, de uma comunhão com Deus que não tenha troca de conteúdo, em que o homem não fala teologicamente e Deus também não responde teologicamente. As mesmas ênfases se encontram nos herdeiros pós-modernos de F. Schleiermacher, o pai do liberalismo protestante. Para ele, a religião consiste no senso interior de dependência de Deus, não na aderência a qualquer conteúdo doutrinário.

Os neoliberais *churchistas*, afinal, também concordam que o âmago da religião é a experiência individual direta com o inefável. E, assim, encontraram nesse medievalismo sua razão de ser. O pior de tudo é que muitos deles encontram-se nesta situação pensando que estão a defender o verdadeiro Evangelho.

Uma segunda semelhança aparente entre a espiritualidade medieval e a *churchista* é a teologia



natural. Eis outra coisa que encontra refúgio na igreja das paredes pretas. O Deus que desejam encontrar em suas experiências é aquele de quem podem aprender pela natureza ou dentro de si mesmos. A contemplação meditativa e a comunhão mística com a natureza, seus rios, montanhas, florestas e vales colabora para a mística medieval, que nesse ponto não somente é similar à religiosidade do “budismo-light-cristianismo-hipster”, mas também à espiritualidade pagã. Temos, então, um neopaganismo.

Grande parte das experiências de famosos místicos medievais consistia em visões ou contemplações diretas de Deus. A freira beneditina Hildegard (1098-1179), por exemplo, teve visões de Deus desde os três anos, nas quais Deus teria lhe revelado sua própria natureza e também a do universo. Sua obra *Scivias*, um clássico do misticismo medieval, relata essas visões. Trabalhando como reformadora de sua ordem, Teresa de Ávila, outro exemplo, teve seu valor na busca do cristianismo autêntico; todavia, suas visões e êxtases acabaram por se constituir em modelo de espiritualidade para muitos que minimizam a importância do conteúdo teológico, como os adeptos das *churches*. Estes, em geral, não têm visões, pois são superficiais demais e não dados à disciplina, mas acreditam da mesma forma que a verdade sempre está evoluindo, que Deus está sempre revelando coisas novas à Igreja (o que é diferente de uma compreensão cada vez melhor da Verdade). Em ambos os casos, místicos e *churchistas* buscam a Deus sem a mediação das Escrituras.

Por fim, esse movimento sustenta uma crença última na salvação por obras, mas uma forma bem estranha dessa *soteriologia*. Expliquemos. O misticismo medieval era ascético – algo bastante diferente da doutrina paulina da justificação pela fé somente. Sua busca da espiritualidade nascia da herança medieval de que o homem colaborava ativamente para sua salvação e ascensão a Deus. Os *hipsters* modernos, da mesma forma, acreditam que a salvação não será pela imputação da justiça de Cristo, mas pela evolução pessoal do homem. Eles afirmam [e cantam] sobre o sacrifício de Cristo e sua suficiência, bem como pregam sobre a Graça [até demais], mas contraditoriamente querem subir até Deus por si mesmos.

Muitos místicos seguiram a ideia de Plotino de que Deus está além da razão e das palavras e que pode ser conhecido quando alguém transcende esse mundo e se torna um com Ele, numa união mística. Não se pode falar nem escrever sobre Deus. De maneira incrivelmente semelhante, o *churchismo*, em última instância, rejeita a proposicionalidade da revelação bíblica e insiste em que não se pode falar de Deus ou escrever sobre Ele de forma significativa.

Veja algumas características do movimento (que são mais medievais do que modernas):

- (1) demonstra grandes dificuldades com o texto bíblico, dificuldades para crer nele como Palavra de Deus;
- (2) as *churches* geralmente protagonizam aquilo que é chamado de diálogo inter-religioso, o famoso discurso pluralista, chegando ao ponto de questionar a divindade de Cristo e a singularidade do Evangelho.

Acreditamos que qualquer modelo de espiritualidade deve estar estribado no Novo Testamento. É provável que o maior apelo que o misticismo medieval exerça sobre alguns é a oferta de elevação espiritual sem teologia, algo inexistente na Bíblia.

Creemos que o misticismo bíblico - união com Cristo realizada na sua morte, vivida pelo Espírito, celebrada na Ceia e vivenciada pelo uso dos meios de graça - continua sendo o padrão para os cristãos. O que falta em muitos é a disposição para vivê-lo.

A church como sacralização do progressismo

Os pastores que estão à frente do *churchismo* costumam proclamar que o mundo está cansado de religião, que o cristianismo como conhecido durante dois mil anos é nada mais que religiosidade. No entanto, tudo aponta para o fato de que o mundo não está cansado de religião. Quem está cansado de religião são esses pastores. E há um motivo para isso.

Qual seria a surpresa deles se, por cinco minutos, eles saíssem do alto de suas torres de marfim dessa fê urbanizada-limpinha-chique e descobrissem que quase só eles é que cansaram de religião, e que o mundo está cada dia mais sedento de bons e sólidos sistemas religiosos? Estes líderes, na verdade, não deveriam confundir a sua “evangelicofobia” - desse restrito grupo que tem tempo para modismos elitistas de rebelião juvenil - com o que realmente querem e verdadeiramente são as pessoas normais.

O fato é que como o *churchismo* bebe [e muito!] também do progressismo, ele funciona a partir de uma mentalidade iconoclasta que visa a subversão das estruturas tradicionais em favor da emergência das identidades minoritárias (como pensa o progressismo). Toda essa ideia traz consigo o dismantelamento das estruturas tradicionais e isso inclui, naturalmente, e em se tratando de cristianismo, a maneira de se abordar a Escritura.

O pensamento revolucionário (progressista) compreende que o comportamento dos indivíduos é controlado por superestruturas que favorecem determinada organização social [8]. Via de regra, ele entende que essa superestrutura beneficia uma elite que detém o poder, e que, portanto, nos umbrais evangélicos, tal elite é sustentada pela abordagem que se tem das Escrituras e pela organização convencional do culto, de maneira que a desconstrução desse sistema, dessa superestrutura, configuraria um destronamento da elite, perversora da suposta fê originária em favor de seus próprios interesses de classe.

O estudo da Escritura enquanto ferramenta empregada para a sustentação dessa superestrutura é necessariamente combatido por esse espírito revolucionário para fins de subverter a ordem normativa e abrir espaço para o predomínio dos “oprimidos”, desembocando no que se poderia chamar de teologias identitárias perfeitamente adaptadas aos interesses de cada indivíduo ou minoria. Esse enfrentamento abre precedentes para a utilização da Escritura como modo de sustentar as premissas identitárias do indivíduo ou do grupo ao qual ele faz parte.

Nesse fluxo, as pessoas ou os grupos dos quais elas fazem parte, as *churches*, encontram liberdade para fazerem o texto bíblico dizer coisas que ele não diz e fornecer fundamentação para que possam justificar-se em suas inclinações carnis sem quaisquer constrangimentos. Todo o sistema consolidado de sustentação da autoridade escriturística e de interpretação do texto, pois, é por eles entendido como sustentador arbitrário dos “opressores”.

Não é difícil ver isso, na prática. Nas *churches*, o sermão jamais faz com que alguém se sinta culpado, exceto se você for um evangélico tradicional - e daí você vai ser culpado do maior pecado de todos: o de sustentar o “sistema”, servindo à elite. Dificilmente, se ouve sobre arrependimento, sobre pecado como um mal real e presente, sobre o inferno e a condenação eterna como males reais e futuros, e até mesmo a expressão “juízo de Deus”, indiscutivelmente bíblica, não consta no dicionário *churchista*. Tudo isso, mesmo para os desavisados e mesmo para os bem intencionados, é nada mais que o espírito revolucionário dando as caras, se fazendo presente no ambiente cristão. Assim, são tomados de empréstimo os ídolos do mundo e são validadas as inclinações que o indivíduo já traz consigo como fruto do pecado.

O estudo e a ênfase nas doutrinas do cristianismo histórico, na mentalidade da *church* e no espírito revolucionário que ela carrega, acabam se confundindo com a religiosidade que se quer tanto destruir. Deste modo, as doutrinas do *Sola Scriptura*, suficiência, inspiração, inerrância e infalibilidade da Escritura, ao se apresentarem como doutrinas basilares de todo o sistema de crenças cristão, são classificadas como construções sociais que devem ser derrubadas a qualquer custo, pois representam a opressão do mais fraco e o fortalecimento da elite. A relativização dessas doutrinas e a contestação das verdades sustentadas por elas, é um meio de enfrentamento ao *status quo*.

Apregando o iconoclasmo, a profanação e o sacrilégio herético, o movimento do qual estamos falando nega o aspecto doutrinário e escriturístico do cristianismo, distorcendo-o nas veredas de uma mera sociologia, ou pedagogia para a reeducação da sociedade e do indivíduo tomado por retrógrado. Nele, enfim, ficamos sem transcendência, sem Revelação da parte do Pai (a imanência de Deus é mais hegeliana do que revelacional [e o Senhor vira puro mistério insondável, além de toda a Palavra]), sem o Deus Filho e sem o Espírito Santo (a imanência do Criador, que nos confirma a Revelação). Perdemos a Trindade e deixamos de ser cristãos. Perdemos o Deus Transcendente em troca do ídolo imanente - o deus da *hipergraça*, o Pai solitário de filhos bastardos, sem Revelação e sem o Espírito do Filho, que não pode ser Deus Imanente.

As implicações dessa última posição são ainda mais tenebrosas do que as das heterodoxias da prosperidade e do próprio coaching.

Que Deus nos ajude.

NOTAS

[1] ROOKMAAKER, H. R. *Filosofia e Estética*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

[2] SCRUTON, Roger. *O Rosto de Deus*. São Paulo: É Realizações, 2015.

[3] FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

[4] BECKER, Ernest. *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

[5] CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

[6] CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. *Ocidente Sem Utopias*. Belo Horizonte: Âyné, 2017.

[7] DE MEIRA PENNA, J. O. *O Espírito das Revoluções*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

[8] WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil.

Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.

FÉ CRISTÃ
E
POLÍTICA

O CRISTIANISMO E AS IDEOLOGIAS

Parte I: o centro político



**"O CRISTIANISMO
NÃO ADMITE
MEIOS-TERMOS.
NÃO CONHECE O
MEIO-CERTO,
NÃO FAZ
CONCESSÕES AO
ESCUSAMENTE
OPORTUNO. [...] AQUILO QUE É O
CERTO NÃO PODE
SER PAUTADO
PELO QUE É
OPORTUNO,
VIÁVEL OU
VANTAJOSO."**

"Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha."
(Mateus 12:30; Lucas 11:23)

Obviamente, essa resposta do Senhor Jesus aos fariseus – que atribuíam ao poder de Satanás a expulsão de demônios realizadas pelo Mestre –, tratava de matérias muito mais profundas que a mera política: a divindade do Cristo e a chegada de Seu Reino. Não obstante, intenciono mostrar com uma série de artigos, que o princípio empregado pelo Filho de Homem é válido e aplicável a outros aspectos da ética e da vida cristã; dentre eles, óbvio, a vida pública. Na primeira parte desta série, me ocuparei de evidenciar que o chamado centrismo político e suas premissas são indubitavelmente anticristãs. Neste ponto, é oportuno esclarecer que não pretendo argumentar que o Deus triúno e seus mandamentos e estatutos cabem em alguma ideologia ou posição no espectro político. Muito pelo contrário. Defenderei que, na verdade, Deus transcende qualquer concepção humana de Estado e modelo político (embora estes possam refletir mais ou menos o caráter da lei do Senhor).



Para Kuyper, nada na vida cristã e na própria existência do mundo está fora do domínio de Deus [1]. Na verdade, ele apenas alinha-se a Paulo quando o apóstolo, inspirado pelo Espírito Santo, nos diz que tudo foi criado e é mantido por Ele (Colossenses 1:15-17). Se todos concordamos que, em reconhecimento a tal realidade teológica, a ética cristã deveria pautar nosso comportamento em todas as esferas de nossas vidas, a saber, família, Igreja, trabalho etc., não faz sentido algum imaginar que ela não deveria pautar a esfera político-ideológica.

O que o dito centro político tem a ver com isso? Não seria esse o ponto do espectro ideológico mais favorável a uma postura moderada, conciliatória ou equilibrada, como gostam de argumentar seus adeptos? [2] Não residiria aí um ponto onde o cristianismo poderia dialogar de modo saudável com as diferentes perspectivas políticas e sociais? A resposta para ambas as perguntas é “Não”.

Primeiramente, elucidemos que a regra de ouro para se entender o jogo político em todas as suas dimensões é que o discurso quase nunca corresponde à prática. O centrismo político e partidos a ele associados valem-se da narrativa de que são neutros, equilibrados, não dados a paixões ideológicas e abertos ao diálogo com todo tipo de corrente política. Na prática, trata-se apenas de **pragmatismo**, **fisiologismo** e **oportunismo**.

Segue-se uma breve conceituação de cada um desses aspectos definidores:

a) **Pragmatismo**: o centrista é pragmático. Ou seja, propõe e defende aquilo que tem mais perspectiva de resultado sensível a curto ou médio prazo, principalmente o que vai garantir mais vantagem eleitoral, mais publicidade ou acordos mais interessantes, seja com o poder legislativo, executivo ou judiciário. [3]

**"NÃO PRETENDO
ARGUMENTAR QUE
O DEUS TRIÚNO E
SEUS
MANDAMENTOS E
ESTATUTOS
CABEM EM
ALGUMA
IDEOLOGIA OU
POSIÇÃO NO
ESPECTRO
POLÍTICO.
[...]
DEUS TRANSCENDE
QUALQUER
CONCEPÇÃO
HUMANA DE
ESTADO
E MODELO
POLÍTICO."**

b) **Fisiologismo:** é a prática das trocas de favores, o famoso “balcão de negócios” ao qual o jogo político é comumente associado. Acordos para aprovação de projetos, liberação de verbas e indicações a cargos fazem parte das “moedas de troca” que dão a tônica do espírito fisiologista. [4]

c) **Oportunismo:** intimamente ligado aos dois traços anteriores, este comportamento é marcante em políticos e partidos de centro que rapidamente abrem mão de qualquer resquício de integridade (moral ou ideológica) que tenham em função de conseguir alianças mais vantajosas.

Note que nem mesmo está em debate o princípio da legalidade de tais comportamentos. Os pragmáticos, oportunistas e fisiológicos centristas podem agir de tal modo dentro daquilo que estabelece a lei. Contudo, parece-me perceptível que o que não parece ser objeto de apreço para tais políticos e militantes seja o princípio da moralidade. Nem tudo que é legal é, de fato, moral. [5]

Somente sendo muito ingênuo para não ver que a maioria dos partidos associados ao centro político enquadram-se na definição de “*catch-all parties*” ou ainda “*big tent parties*” (partidos “pega-tudo” ou “grande tenda”). Trata-se de partidos cujos acólitos são simpatizantes dos mais diferentes matizes e preferências ideológicas, embora debaixo da mesma legenda. [6] O exemplo clássico brasileiro é o *Movimento Democrático Brasileiro* (MDB) que abarca desde esquerdistas históricos a conservadores armamentistas, passando por liberais e oligarcas de todos os tipos, além de ter sido base aliada de governos de diferentes alinhamentos ideológicos. [7] Na verdade, a esmagadora maioria dos partidos brasileiros são assim. [8]

Em segundo lugar, o que a Escritura nos diz sobre isso? Em que sentido a turva identidade do centrismo político pode ser comprometedora para um cristão? Ora, o cristianismo não admite meios-termos. Não conhece o meio-certo, não faz concessões ao escusamente oportuno. A palavra do crente tem que ser “*Sim, sim, não, não*” (Mateus 5:37). Aplicando esse pressuposto a um político, a um partido, a um movimento e até mesmo ao próprio Estado, fica claro que aquilo que é o certo não pode ser pautado pelo que é oportuno, viável ou vantajoso. Assim como Seus atributos, os estatutos de Deus são perfeitos, prescritivos, imutáveis e eternos. [9] Eles não se amoldam à conveniência da política e nem mesmo à letra de uma Constituição. [10]

Um cristão não pode ser de centro, nem mesmo apolítico só porque não se identifica com a direita ou

com a esquerda, ou com qualquer outra variante ideológica. Na verdade, a suposta via média proposta pelo centrismo e o discurso de neutralidade dos indiferentes fazem do incauto (ou soberbo) o pior dos bovinos: ele acaba, sem se dar conta, servindo a alguma das agendas que diz evitar. O “*isentão*”, por exemplo, enquanto acredita exalar uma aura de lucidez, é engodado pelo discurso centrista de neutralidade e moderação e vendido, sem perceber, ao lado que oferece mais vantagem. Acreditar no centro político – ou mesmo que a neutralidade existe –, é terceirizar sua ética no que concerne à vida pública. É viver como se Deus não existisse. [11] E isso tem implicações sérias para sua vida espiritual (cf. Lucas 12:8,9; 12:32,33; Apocalipse 21:8).

Um cristão genuinamente piedoso sabe que questões como a legalização do aborto, ou a relativização do conceito de casamento como sendo entre um homem e uma mulher, não podem ser negociados por conveniência política ou mesmo como resposta aos clamores de um povo majoritariamente ímpio (cf. Êxodo 20:13; Levítico 18:21,22; Judas 1:7) Os mais seguros na Palavra sabem também que o direito à legítima defesa deveria ser melhor resguardado (cf. 1 Samuel 13:19,22; Lucas 22:36) e que a propriedade privada deveria ser inviolável em qualquer sentido [12] mesmo numa sociedade cujos membros vivem como se o Senhor não tivesse legislado sobre esses temas (Romanos 2:12-15; 3:29). Calar-se diante desses embates políticos e sociais em nome de qualquer convivência pacífica com ímpios é, sem sombra de dúvidas, uma lamentável demonstração de falsa piedade (Mateus 15:8; Isaías 29:13).

O cristão brasileiro precisa reconhecer que não há diálogo, acordo ou concessões com quem ignora o caráter e a autoridade imutável de Deus (Atos 5:29). Essa prática não pode existir na política, tanto quanto não pode existir em nenhuma esfera da vida de um cristão (Lucas 10:27; 1 Coríntios 10:31). Sadraque, Mesaque e Abednego não se curvaram à estátua construída por Nabucodonosor, nem mesmo sob suas ameaças (cf. Daniel 3). Daniel, inclusive, não se furtou a repreender o poderoso rei pagão, dizer-lhe quais seriam as consequências de suas ações ímpias e qual o correto a se fazer (cf. Daniel 4). Eles entenderam que, quando se trata de Deus – ou seja, tudo, em última instância –, quem não ajunta, espalha.

[1] KUYPER Abraham, “*Sphere Sovereignty*”, in: BRATT, James D. *Abraham Kuyper: A Centennial Reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 488.

[2] *O que é pragmatismo político? Pragmatismo Político*, 27 de set. de 2014. Disponível em:

<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/o-que-e-pragmatismo-politico.html>>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

[3] Ibid.

[4] TADEUS, Jonas. *Fisiologismo, o mal supremo da nossa política*. Observatório Social do Brasil, 17 de out. de 2012. Disponível em: <<http://osbrasil.org.br/fisiologismo-o-mal-supremo-da-nossa-politica/>>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[5] MARRARA, Thiago. *O conteúdo do princípio da moralidade: proibidade, razoabilidade e cooperação*. 14 de dez. de 2017. <<http://genjuridco.com.br/2017/12/14/principio-da-moralidade-proibidade-razoabilidade-cooperacao/>>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[6] GOLDSMITH, Paul. *Catch-all party*. Tutor2U. c2018. Disponível em: <<https://www.tutor2u.net/politics/reference/catch-all-party>>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[7] GALLAS, Daniel. *Dilma Rousseff and Brazil face up decisive month*. BBC, São Paulo, 29 de mar. de 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-35922425>>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[8] PASSARELLI, Vinícius. BERALDO, Paulo. *Maioria dos partidos se identifica como de centro*. Estadão, 25 de dez. de 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,maioria-dos-partidos-se-identifica-como-de-centro,70003135964>>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[9] BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*, 4ª Ed. Revisada. São Paulo, Cultura Cristã. 2012. P. 58.

[10] CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2018. P. 507.

[11] RUSHDOONY, John Rousas. *O mito da neutralidade*. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/apologetica/mito-neutralidade-ftal_Rousas-Rushdoony.pdf>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

[12] *Catecismo Maior de Westminster*, perguntas 140 a 142.

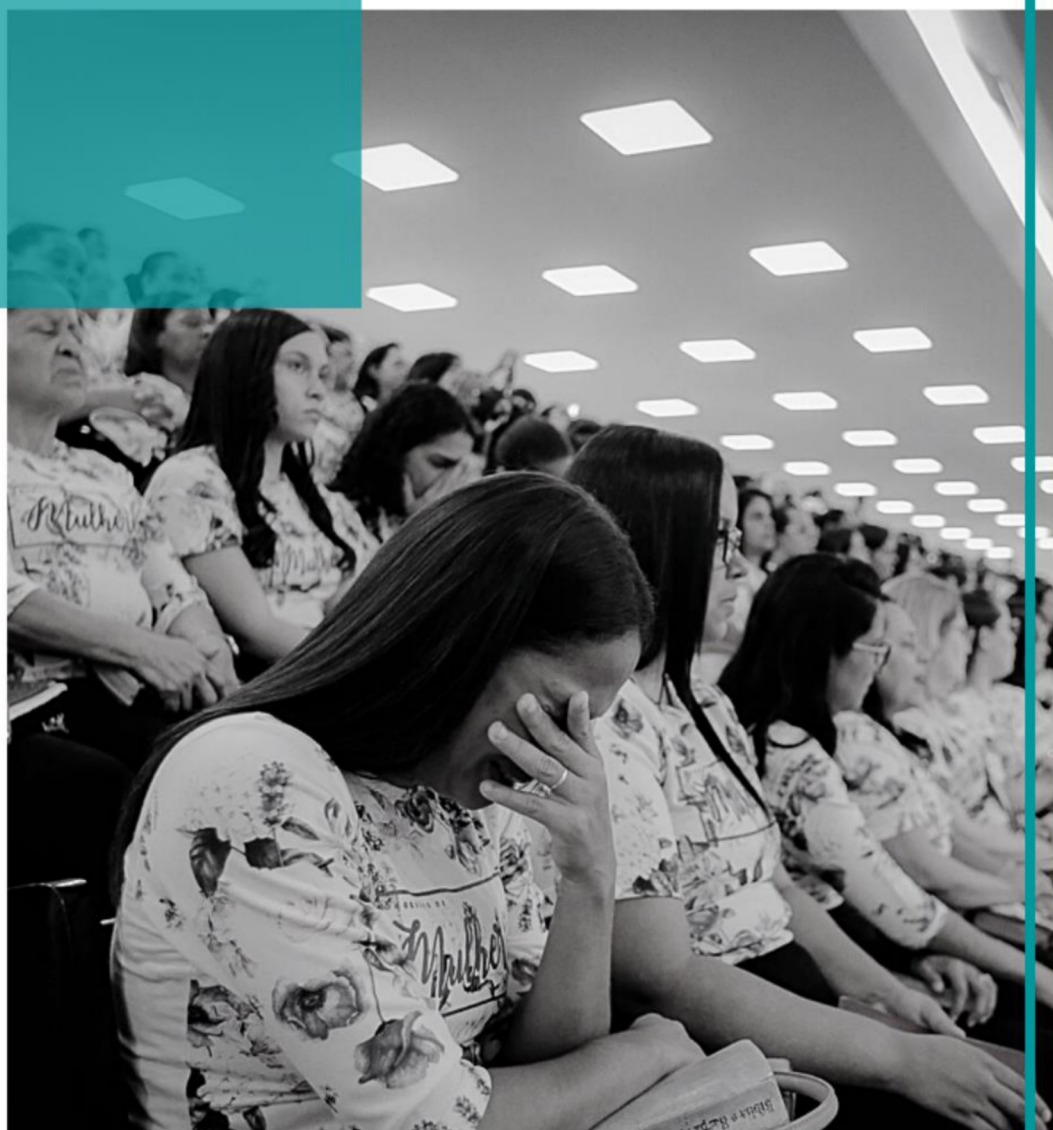


Frederico Bragança, professor de Língua Inglesa no Watford Natal e de Teoria e Prática do Estudo Bíblico no Instituto de Educação e Cultura. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Potiguar e pós-graduando em Docência do Ensino Superior e Teologia na Universidade Cândido Mendes. Serve na Igreja como professor da Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal (RN). Casado.

POR MAIS TEOLOGIA NAS MULHERES

“Sou serva DO SENHOR”.

Essa foi a conclusão de Maria ao ouvir toda mensagem transmitida pelo anjo Gabriel (Lucas 1:16 – 38). Quando Gabriel se apresentou a Maria ele não perguntou o que ela achava da ideia que Deus havia tido: usar seu ventre para trazer o Messias ao mundo. Gabriel não foi consultar o *planner* de Maria para ver se esse projeto estaria de acordo com suas ambições de curto, médio e longo prazo. Gabriel não foi consultar se Maria tinha o sonho de ser mãe ou se um filho seria um empecilho às suas aspirações pessoais. Gabriel não foi perguntar se o plano de Deus não iria atrapalhar o tão esperado casamento de Maria com José. A missão de Gabriel também não era verificar se o nascimento de uma criança logo no início do casamento caberia no orçamento familiar. Gabriel não perguntou se Maria queria ser agraciada, ou se ela achava que ter um filho naquele momento era um ato da graça de Deus. Gabriel não foi consultar Maria, ele foi, simplesmente, anunciar um fato.



Não houve direito de escolha.

A vontade de Deus é soberana, Ele não age por meio de plebiscitos, eleições, ou qualquer outra manifestação democrática. A voz do povo não é a voz de Deus. Ele ordena e tudo acontece segundo o seu querer. Ao ler isso, nossa mente contaminada pelo pecado logo se inquieta. Uma afirmação como esta fere o nosso “direito de escolha”; nos sentimos desvalorizados. A soberania de Deus é uma afronta à nossa autonomia. *“Como ousa Deus agir em minha vida sem antes me consultar? E os meus sentimentos? E os meus planos?”*

Não sei quais questionamentos passaram pela mente de Maria ao receber tal notícia, mas todos eles podem ser respondidos em uma única sentença: Deus é soberano.

Há um perigo que ronda nosso meio cristão, *o perigo de nos identificarmos muito mais com o fato sermos mulheres do que com o fato de sermos servas de Cristo*. Tal ênfase faz com que condicionemos toda a nossa Teologia a materiais, estudos e cursos relacionados à feminilidade. Esse é um caminho perigoso. A *Teologia Feminista* norte americana começou sua jornada fazendo recortes da Bíblia, buscando e enfatizando narrativas bíblicas que contemplassem a mulher. Depois passou a dizer que nem todos os textos bíblicos podiam ser direcionados para a mulher, pois focalizavam os homens, tornando necessária uma narrativa para a mulher, algo que fizesse mais sentido para a sua existência. Por isso criou-se uma teologia própria, uma interpretação feminina das Escrituras, definida como *Teologia Feminista*.

Isso lhe soa familiar? A mim, sim.

Falarmos sobre feminilidade bíblica é necessário. Por outro lado, o perigo de enfatizarmos tanto narrativas bíblicas relacionadas a mulheres, ou sempre levarmos uma mensagem “específica” para mulheres é acabar reduzindo o poder do Evangelho a um gueto: uma teologia feminina, algo que a Bíblia nunca intentou criar. *Não existe uma teologia para o homem e uma teologia para a mulher, o que existe é o evangelho todo para o homem todo*. Nosso combate contra as ideologias feministas deve ocorrer em duas frentes de batalha:

1. *Não podemos negar nem menosprezar a nossa feminilidade, conforme concebida por Deus.*

Por outro lado,

2. *Não podemos exaltar a feminilidade ao ponto de torná-la um bezerro de ouro.*

Colossenses 3:11 diz que *Cristo é tudo em TODOS*. Isso significa que Cristo é suficiente. Não importa se você é homem, mulher, casado, solteiro, jovem, adolescente ou

sênior, a Palavra de Deus é a mesma, Cristo é o mesmo para todos. O Evangelho que a mulher precisa ouvir diariamente é o mesmo que o homem precisa ouvir, a Bíblia não faz distinção. A religiosidade do povo de Israel criou uma adoração à parte para as mulheres, elas não adoravam a Deus junto com os homens, mas, em um átrio separado só para elas. Porém, quando o poder do Espírito é derramado sobre a Igreja em Atos, instituindo assim a comunidade cristã, uma das primeiras informações registradas é de que as mulheres estavam adorando a Deus junto com os homens (Atos 1:14). Isso é glorioso, pois, o Evangelho vem para romper os muros, removendo, inclusive, *a separação de um ensino doutrinário distinto voltado para homens ou mulheres*. Em Cristo, todos se tornam participantes da mesma mesa.

Não se trata simplesmente do que Deus tem a dizer sobre a mulher, mas do que Deus tem a dizer para o seu povo; e eu e você, minha irmã, somos parte desse povo.

Somos servas de Deus

Retornando à narrativa de Lucas, Gabriel simplesmente comunicou a Maria o decreto de Deus, e não havia nada que ela pudesse fazer para mudar aquilo. Entre tantas mulheres, ela fora escolhida e agraciada.

O texto nos traz *uma importante lição acerca de quem somos e de quem Deus é: nós somos servos e Ele é Senhor*. Como servos estamos à disposição de Sua vontade. É certo que Maria tinha seus próprios planos, vontades e necessidades, mas tudo isso cai por terra no momento em que ela recebe ordens do seu superior. Mesmo não compreendendo, mesmo assustada e confusa – *“como isso vai acontecer? Mas, eu sou virgem! Como será? E o meu noivado? O que vão pensar de mim? Eu sou nova demais!”* – ela abandona tudo para se sujeitar à vontade de Deus: *“Eis aqui a serva do Senhor”*.

Vivemos em um mundo que deseja colocar outros senhores sobre nós. Precisamos nos lembrar, mais do que nunca, quem é o nosso Senhor, quem nos comprou. No Novo Testamento, a Bíblia usa o termo grego *doulos* para se referir aos cristãos. Esse termo é geralmente traduzido como *servo*, mas, o seu sentido original é *escravo*. Para o pensamento politicamente correto de nossa geração isso é uma afronta, porém, é assim que a Bíblia descreve todo aquele que foi comprado por Jesus. *Somos escravos, pois já não pertencemos a nós mesmos*, Cristo nos comprou, Ele nos possui por inteiro. Nossas vontades e ações sujeitam-se a Ele. Não temos escolha.

Uma teologia invertida

Sem nos darmos conta, nossa Teologia tem sido invertida pelo mundo. O mundo diz que tudo tem a ver com o eu.

“
NÃO EXISTE UMA
TEOLOGIA PARA O
HOMEM E UMA
TEOLOGIA PARA A
MULHER, O QUE EXISTE
É O EVANGELHO TODO
PARA O HOMEM
TODO.”



É muito mais interessante buscar assuntos, temas e reflexões que estejam primeiramente relacionados às minhas necessidades e não à glória de Deus. É duro, mas é a realidade. É mais interessante ler sobre algo relacionado à *nossa feminilidade* do que relacionado ao ser de Deus, seus atributos, e o que Ele requer dos seus servos.

Estudar sobre as doutrinas parece algo tão fatídico, ao passo que falar sobre a feminilidade bíblica torna a conversa muito mais interessante. É triste constatar que essa tem sido a nossa realidade. Como alguém que escreve para mulheres, devo dizer que é nítido que assuntos voltados para a feminilidade são muito mais buscados e apreciados do que assuntos relacionados à doutrina bíblica. Não deveria ser assim, minhas irmãs. Não pode ser assim!

Essa realidade é resultado de uma teologia invertida, cuja ênfase repousa sobre o *eu*. Nossa sociedade exalta tanto o nosso ego que criamos formas de, indiretamente, falarmos sempre de nós mesmas, embora estejamos utilizando a Bíblia.

Propósito

Maria tinha consciência de sua identidade e propósito: *servir*. Além de escravo, a Bíblia usa outras figuras para se referir ao cristão, soldado é uma delas. Tal como soldados, devemos estar cientes de que Deus nos alistou para o seu serviço, seja qual for e onde for. Independentemente do que estivermos fazendo, se Deus ordenar, é nosso dever cumprir; seus planos são a prioridade de todo o universo e devem ser a nossa. Somos chamados para obedecer a Deus; render-se a Ele, ainda que isso implique em perdas e opróbrio.

Precisamos lembrar que fomos criadas e compradas para servir aos propósitos de Deus, não aos nossos. Deus interfere em nossos planos e projetos e nós precisamos nos sujeitar ao seu senhorio (Provérbios 16:1), pois a nossa existência, o ar que respiramos, o trabalho das nossas mãos, nada tem a ver conosco, mas com Ele.

Conclusão

Ao servir a Deus nesse mundo homens e mulheres encontrarão desafios diferentes: a mulher certamente terá de resistir às ideologias que tentam comprar seu corpo e sua mente; os homens terão de resistir às ideologias que tentam enfraquecer e deturpar sua masculinidade. Mas, acima de tudo isso, deve prevalecer a nossa identidade em Cristo: somos servos do Altíssimo.

Falo, não como alguém que já tenha alcançado, pois essas palavras são, antes de tudo, para mim mesma. O Senhor está me ensinando por meio de cada uma delas.

Minha intenção não é discriminar literaturas e publicações femininas, sou grandemente abençoada e tenho imenso prazer em ler e escrever para mulheres e sobre mulheres. Mas, reconheço que precisamos ter o cuidado de não fazermos dessas literaturas nosso manual de fé e prática. Precisamos ler mais a Bíblia e menos literaturas sobre feminilidade bíblica. É triste ver que muitas mulheres têm se tornado cada vez mais dependentes de conselhos, artigos e livros, e cada vez menos leitoras das Escrituras como sua fonte primária de conhecimento e orientação.

Irmãs, precisamos nos policiar. Precisamos rogar pela *sabedoria do Alto, que é antes de tudo, pura, repleta de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem hipocrisia*. (Tiago 3:17) Que o nosso interesse por Cristo se torne cada vez maior que o nosso interesse por nós mesmas. Que possamos depender cada vez menos de livros que nos digam *O QUE* fazer e *COMO* fazer e nos apeguemos firmemente à Escritura.

Tal como Maria, minha oração é que o Senhor me ensine a servi-Lo com um coração voltado para Ele e não para mim mesma. Essa tem sido a luta de todos os cristãos em todas as eras, e a mensagem continua a mesma: *morra para si mesmo, tome a sua cruz, siga a Jesus* e a nenhum outro. Prossigamos rumo à cidade celestial.

Deus nos ajude.

No Amor de Cristo.



Prisca Lessa, 28 anos, formada em Teologia, atua na área de ensino e aconselhamento e tem se dedicado ao ministério de mulheres. Escreve no blog *Teologia para Mulheres*. Membro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

O que é e qual sua importância?

Começo este pequeno artigo tentando conceituar as duas palavras que fazem parte do título deste.

Teologia: ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo. Etimologicamente a palavra *Teologia* é a união de dois termos gregos: *theós* = Deus + *logia* = ciência. Portanto, podemos, de forma intuitiva entender que é o Estudo de Deus.

Sistemática: Que se refere a um sistema, ao modo ou método de formar um todo organizado. Que contém método; em que há organização: teoria sistemática. Que se comporta ou se desenvolve de acordo com um método ou uma ordenação; organizado.

Portanto, *Teologia Sistemática*, nada mais é que o estudo organizado, cadenciado e metódico de Deus. E há uma

importância gigantesca em entender a importância do estudo, bem como compreender as etapas necessárias para absorver este conhecimento.

A importância de estudar a Deus de forma sistemática é grande. Abaixo, coloco algumas pequenas inferências para pensarmos:

1) Um “sintoma” comum de muitas igrejas é o fato de não conhecerem a Bíblia e menos ainda a história da Igreja. O risco de não conhecer Deus é justamente abraçar e disseminar falsas doutrinas, deturpando principalmente os propósitos de Deus, a obra de Redenção realizada na Obra do Calvário.

2) Respeitar o processo do aprendizado comum: se você tentar ler dez livros de uma vez, provavelmente vai se confundir em sua linha de absorção de conteúdo ao longo do tempo. Essa é a ideia central de quando você

estuda de forma sistemática: um tema de cada vez, um degrau de cada vez.

3) Espera-se que alguém que se entenda como *Cristão* saiba de fato quais são as vertentes de sua fé. Como fazer isso, se não houver um estudo sistemático? Como servir a Deus com eficiência sem conhecer a Palavra de Deus?

Claro que esses pontos não são exaustivos e nem definitivos e podemos falar sobre o tema em diversas abordagens. Mas, precisamos ter em mente que a coerência de uma fé cristã autêntica também consiste em conhecer mais a Palavra de Deus.

Claramente, devemos levar em consideração que não se trata de um mero estudo acadêmico, onde dominaremos a teoria de certos termos sem nenhum tipo de relevância que traga edificação para a Igreja.



Uma fé cristã autêntica também consiste em conhecer mais a Palavra de Deus.



Muito pelo contrário, geralmente digo que Teologia boa é aquela que é vista além dos discursos. R. C. Sproul defendia sabiamente a tese que somos todos teólogos sempre que buscamos respostas sobre os ensinamentos da Bíblia ou os ignoramos intencionalmente.

E é nesse esforço de compreensão que devemos ser organizados e sistemáticos, pois conhecer (o que a Bíblia nos fala sobre Deus) leva tempo. Entenda como uma construção que não vai ter fim, pois sempre aprenderemos algo

novo, mas que dia após dia, nós vamos adicionando um tijolo, fortalecendo uma estrutura, um alicerce, etc.

É importante também entender que esse estudo deve ser sempre acompanhado de: oração, humildade, razão, alegria com a motivação genuína de glorificar a Deus em tudo o que estamos aprendendo e nos dedicando.

Portanto, estudar a Palavra de Deus de forma sistemática deve produzir em nós a consciência de

que devemos conhecer a Deus, para sermos mais parecidos com

Cristo e servirmos a Igreja pautados no que Deus nos ensina em Sua Palavra. E isso é uma urgência de nossos dias. ***“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” (Oséias 6:3)***

Abraço! Em Cristo!

Rev. Marco Cicco.



Marco Cicco é Bacharel em Ciências Contábeis, Bacharel em Teologia, Extensões Universitárias em Custos, Negócios e Administração Financeira, MBA em Compliance e Risco, MBA em Gestão e Liderança de Equipes com Habilitação em Docência no Ensino Superior, MBA em Gestão Tributária, Mestre em Divindade (M.Div) em Estudos Bíblicos e Pastorais. Criador do Evangelho Inegociável, é Pastor na Igreja Anglicana Reformada.



Música na Igreja

ADORAÇÃO



A adoração a Deus é a mais abençoada de todas as vocações terrestres. Não existe tarefa mais nobre ou maior à qual podemos dedicar energia e tempo. A própria pregação é tarefa suprema porque trata de adoração através da exposição das Escrituras, e de formar e moldar um corpo de adoradores. Deus é o primeiro. Deus é digno. E nós somos privilegiados por desfrutarmos de comunhão com Ele.

Iniciaremos, na presente edição, nesta coluna sobre música na Igreja, uma série sobre a adoração através da música no culto. Que ela possa ser usada pelo Espírito Santo para ajudar você a amar a Deus de maneira mais completa, de todo seu coração, alma, força e mente, à medida em que aprender a adorá-Lo em espírito e em verdade. Se somos músicos, precisamos saber o que exatamente estamos fazendo quando tomamos nossos instrumentos musicais e nos postamos frente aos microfones para fazer música na igreja.

O problema

Nós, que somos identificados como a cristandade evangélica, ao mesmo tempo em que vemos nossos jovens falando e falando, repetidamente, sobre adoração, temos dificuldade em demonstrar alguma preocupação séria para com esta questão da adoração. Como indivíduos que são chamados à busca do conhecimento de Deus, temos falhado no estudo da adoração ou na identificação, desenvolvimento e aplicação de uma teologia da adoração em nossas igrejas locais. Muitos de nossos seminários, por exemplo, sequer apresentam em suas grades curriculares alguma matéria que represente bem este tema da adoração. Não obstante nós, músicos, falarmos dia e noite (e cantarmos) sobre adoração,

parece que a Igreja do século XXI ainda não sabe bem o que é isso.

Em primeiro lugar, tal realidade é resultado imediato do fato de que muitos pastores não estão preocupados com o que é adoração. Há, nos cultos, um incentivo constante para que os que cultuam adorem, mas não se vê, vindo dos púlpitos, aquele questionamento e esclarecimento fundamental: o que é adoração?

Em muitos de nossos círculos, o culto de domingo é considerado um “culto público”, apesar do fato de que o título oficial desta reunião deveria ser “culto de adoração”. Quanto a este nome dado ao culto, considerar a questão de que aquela reunião é uma reunião aberta a qualquer tipo de pessoa, e não restrita aos membros regulares da congregação, como algo sensivelmente mais importante do que todos os atos de adoração, de louvor, de confissão, de gratidão e de dedicação de toda a Igreja é a evidência clara de que existe um entendimento bastante torcido, senão uma heresia, um conceito extremamente prejudicial de culto que bem pode estar roubando da Igreja muitos dos bens espirituais outorgados à ela pelo Senhor.

Assim, apesar de dedicarmos, todos os domingos, mais de meia hora de culto à música, levantando as mãos e cantando, não temos levado a adoração à Deus muito a sério.

Há esperança

Todavia, por outro lado, há uma brisa soprando. A renovação na adoração está começando a atravessar o país. Liturgias mais rígidas e tradicionalmente menos abertas a novidades estão dando lugar à melodias mais vivas, mais brilhantes, mais sinceras, mais expressivas, ao mesmo tempo em que igrejas mais liberais e rasas teologicamente estão sentindo a

necessidade de abandonar seus refrões repetitivos e suas composições sentimentalistas em favor de letras musicais mais bíblicas e recheadas de verdades teológicas. Ainda estamos longe de algo ideal, mas Deus tem nos esforçado. O Espírito Santo está trazendo uma fome de Deus para a alma cansada dos santos. Cristãos em todo lugar estão perdendo o interesse em ir à Igreja mecanicamente apenas. Os crentes querem conhecer a Deus mais a fundo e aprender a adorá-Lo de maneira mais completa, e desfrutar do privilégio inestimável de estar em comunhão com Ele.

Nossa esperança é que, junto com esse sentimento que urge no seio da Igreja, as lideranças possam sair da zona de conforto, avaliando a necessidade de uma ampla abordagem sobre o assunto em nossos cultos, abordagem que deve se estender desde os fundamentos bíblicos e teológicos da adoração até as questões mais práticas, que envolvem, obviamente, a música.

Levando a adoração a Deus à sério

Quando começarmos a levar a adoração à sério, logo surgirá dentro de nós uma nova preocupação com questões como integridade, espiritualidade, emoção, inteligência, saúde teológica, caráter artístico, equilíbrio, excelência, motivação, ação coletiva, arquitetura, símbolo, gesto, ordem, espontaneidade, acústica e milhares de outras considerações que dizem respeito à adoração e aos cultos de adoração.

Por que essas coisas hão de se tornar importantes? Porque, depois que um grupo de crentes descobre que o seu relacionamento de adoração com Deus é da mais alta prioridade, este passa a fazer todo o possível para proteger a realidade dessa

convivência de valor inestimável com Deus.

Nisso, muitos descobrem que, como cristãos, temos sido zelosos em alcançar o mundo para Cristo, para formarmos o Corpo de Cristo, mas, temos sido negligentes em dar o nosso primeiro e melhor amor a Deus, a nossa adoração.

Refleta comigo sobre um exemplo bem mecânico: uma igreja que investe muito em evangelismo e nada na educação e formação musical dos músicos da igreja não está adorando a Deus adequadamente, apesar de estar reunindo crentes para adorar.

Quanto a isso temos alguns questionamentos:

1. Nosso compromisso é tão somente reunirmos mais adoradores ou promover adoração, isto é, adorar a Deus de fato?
2. O motivo do evangelismo é salvar almas ou buscar a glória de Deus que é demonstrada na salvação de pecadores?
3. Nós evangelizamos porque queremos ver mais pessoas nos bancos das igrejas ou evangelizamos porque queremos ver Deus sendo adorado de fato por mais e mais pessoas?

Diante das respostas certamente óbvias destas perguntas, porque os músicos têm sido negligenciados em suas igrejas locais, se eles são parte ativa na condução da adoração no culto?

Diante da realidade de que os novos membros da igreja virão ao culto para adorar, para prestar seu culto a Deus, é de extrema importância que, de acordo com estas aspirações cúlticas, os músicos estejam preparados para oferecerem o melhor a Deus bem como conduzir a congregação a fazer o mesmo. Um conceito correto de adoração na mente da igreja e das lideranças certamente trará muitas mudanças às igrejas.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.

Diga
NÃO
ao
aborto.
Posicione-se!

BOICOTES INÚTEIS

Virou moda entre os cristãos evangélicos – incentivados, frequentemente, por pastores com visibilidade na mídia – fazer boicotes a empresas que apoiam valores em que a fé cristã não acredita ou que promovem algo ofensivo ao cristianismo. A maioria dos que apoiam esses boicotes, ressalte-se, são cristãos bem-intencionados, que acreditam verdadeiramente que, ao fazer isso, estarão defendendo o evangelho e denunciando o pecado. Eles creem honestamente que seu boicote trará resultados em favor do reino de Deus e esfregará na cara do mundo que não se ataca a nossa fé impunemente. O problema é que esses boicotes simplesmente não adiantam nada. Nada.

Antes de começar a falar sobre o tema deste artigo, deixe-me respirar fundo, pois sei que virão pedradas em minha direção. Muitos que lerão este texto vão me xingar, dizer que eu apoio o pecado, que rasguei a Bíblia etc., mas não tem jeito: eu prefiro apanhar falando a verdade do que ficar numa boa ignorando a realidade dos fatos. Como eu sei que isso vai acontecer? Porque, quando falei sobre este tema nas redes sociais, foi o que aconteceu. Mas, felizmente, as pedras voaram das mãos de uma minoria; a maioria refletiu e concordou.

Bem, vamos lá.

Virou moda entre os cristãos evangélicos – incentivados, frequentemente, por pastores com visibilidade na mídia – fazer boicotes a empresas que apoiam valores em que a fé cristã não acredita ou que promovem algo ofensivo ao cristianismo. A maioria dos que apoiam esses boicotes, ressalte-se, são cristãos bem-intencionados, que acreditam verdadeiramente que, ao fazer isso, estarão defendendo o Evangelho e denunciando o pecado. Eles creem honestamente que seu boicote trará resultados em favor do reino de Deus e esfregará na cara do mundo que não se ataca a nossa fé impunemente.

O problema é que esses boicotes simplesmente não adiantam nada. Nada. E eu provo, com exemplos práticos.

Em 2015, a empresa de perfumaria *O Boticário* lançou uma campanha publicitária de dia dos namorados retratando casais de héteros, gays e lésbicas, ao som da música *Toda forma de amor*, de Lulu Santos. Aí um famoso pastor da televisão esbravejou e conclamou um boicote a empresas que associam seus produtos ao público gay, particularmente *O Boticário*.

Foi uma gritaria dos meus irmãos e irmãs em Cristo. Houve juras de que nunca mais comprariam nada d'*O Boticário* e acreditaram piamente que seu boicote levaria a empresa a quebrar e, com isso, nunca mais ninguém faria campanhas publicitárias retratando casais gays. Vitória em Cristo! Certo? Errado.

Sabe qual foi o resultado do boicote?

Nenhum.

A empresa abriu mais de 70 lojas no ano, contra as 50 inicialmente previstas, e só vem crescendo de lá para cá. No ano seguinte, 2016, a companhia abriu 100 novas lojas. Hoje, são mais de 3.700 lojas d'*O Boticário* espalhadas pelo mundo. O faturamento da empresa aumentou 7,5%, num total de R\$ 11,4 bilhões. Isto mesmo: bilhões. Lucro líquido consolidado d'*O Boticário* no ano do boicote? R\$ 486,3 milhões.

Ou seja: o boicote não gerou absolutamente nenhum impacto. Nenhum. Zero. Além disso, pouco tempo depois, os evangélicos esqueceram dessa história,

voltaram a comprar produtos d'*O Boticário* e a vida prosseguiu.

Aí chegou 2019.

Depois do fracasso retumbante de seu filme *Contrato vitalício* (lançado em 2016 e retirado dos cinemas antes do previsto por conta da baixíssima bilheteria), o pessoal do grupo de humoristas *Porta dos Fundos* resolveu não correr mais riscos e lançou um longa-metragem na *Netflix* que seguiu a velha cartilha de fazer polêmica com a fé alheia para ganhar *ibope*. E deu certo.

Em 2018, *Porta dos Fundos* lançou *Se beber, não ceie*, debochando, para variar, de Jesus. Deu menos errado que o longa de 2016, ganharam até um prêmio *Emmy*. Por isso, em 2019, eles resolveram duplicar a dose e lançaram *A primeira tentação de Cristo*, que, mais uma vez, debochava de nosso Senhor. Previsível. E o que eles mais queriam aconteceu: polêmica.

Meus irmãos e irmãs não aprenderam a lição com a história d'*O Boticário* e, mais uma vez, caíram na armadilha: conclamou-se um boicote irado e revoltado à *Netflix*. Pastores criaram uma gritaria enorme e, com isso, ajudaram a promover enormemente o filme. Gregório, Porchat e companhia devem ter amado. Mas você deve estar pensando: pelo menos a *Netflix* aprendeu a lição! Afinal, perdeu montes de assinantes e mergulhou no prejuízo, certo? Errado. A *Netflix* registrou lucro líquido de US\$ 587 milhões no quarto

trimestre de 2019, um aumento de 338,06% em relação a igual período de 2018.

Os cristãos precisam entender que alimentar polêmicas é o caminho mais superficial, pueril e inconsequente para tentar combater o pecado e/ou promover o Evangelho - e parece que não aprendemos com os erros do passado.

Ao longo dos anos, vi muitas peças audiovisuais bobas faturarem alto em cima da polêmica com Cristo. Por exemplo, lembro quando, anos atrás, o cineasta Kevin Smith lançou um filme cinematograficamente medíocre, chamado *Dogma*, cheio de deboches com a fé cristã. Seria um daqueles filmes sobre os quais pouco se ouve falar e dos quais dois anos depois ninguém se lembra.

Mas, aí, grupos de cristãos americanos, munidos de cartazes e bradando palavras de ordem, foram para a porta dos cinemas protestar. Deu mídia. Reportagens. *Ibope*. E, graças ao tititi promovido pelos protestos, pessoas que jamais pagariam para ver aquilo ficaram curiosas, muito mais gente foi aos cinemas e o filme faturou alto. Resultado: Jesus continuou sendo quem é, a indústria cinematográfica continuou produzindo filmes blasfemos e Kevin Smith, às gargalhadas, ficou mais rico.

Vemos episódios como esse e não aprendemos nada. Recentemente, a prefeitura do Rio mandou apreender, na Bienal do Rio, um livro desconhecido com um beijo gay, que não venderia nem cinco exemplares. Resultado: foram vendidos milhares de exemplares, inúmeras reportagens foram feitas,

formadores de opinião meteram o malho em “os evangélicos”, os gays continuaram sendo gays e, graças à religião do prefeito, todo evangélico do Brasil passou a ser ainda mais visto como homofóbico, censurador, intolerante etc etc etc.

A história mostra que esse tipo de reação não gera nenhum resultado. Pelo contrário, gera bochicho, curiosidade, *ibope* e dinheiro para os produtores. Que o digam *Je vous salue, Marie, A última tentação de Cristo, O Código Da Vinci e Harry Potter*, entre muitos outros.

Alguém realmente acha que Duvivier e sua turma decidiram debochar de Jesus, uma vez mais, a troco de nada? Não seja ingênuo: eles contam com a polêmica. Se os cristãos não chiarem, eles ficarão extremamente tristes. Graças à mídia espontânea que o boicote gerou, pode ter certeza que teremos muitos novos deboches do *Porta dos Fundos* com Jesus.

Aí chega 2020.

O que acontece? A *Natura* põe a transexual Thammy Gretchen como garoto(a)-propaganda do Dia dos Pais.

Pronto. Lá veio aquele mesmo pastor da berraria contra *O Boticário*, de novo, gritando por boicote. E o povo caiu como patinho, de novo, na armadilha. Gritaria nas redes sociais. Ofensas e juras de desconsumo eterno à *Natura*.

Aleluia! O boicote ensinou uma lição à *Natura* e abalou suas estruturas financeiras, certo? Errado. Sabe qual foi o resultado do boicote? No dia seguinte à conclamação do boicote, as ações da *Natura* na *Bolsa de Valores* subiram 8%. E, no dia posterior,

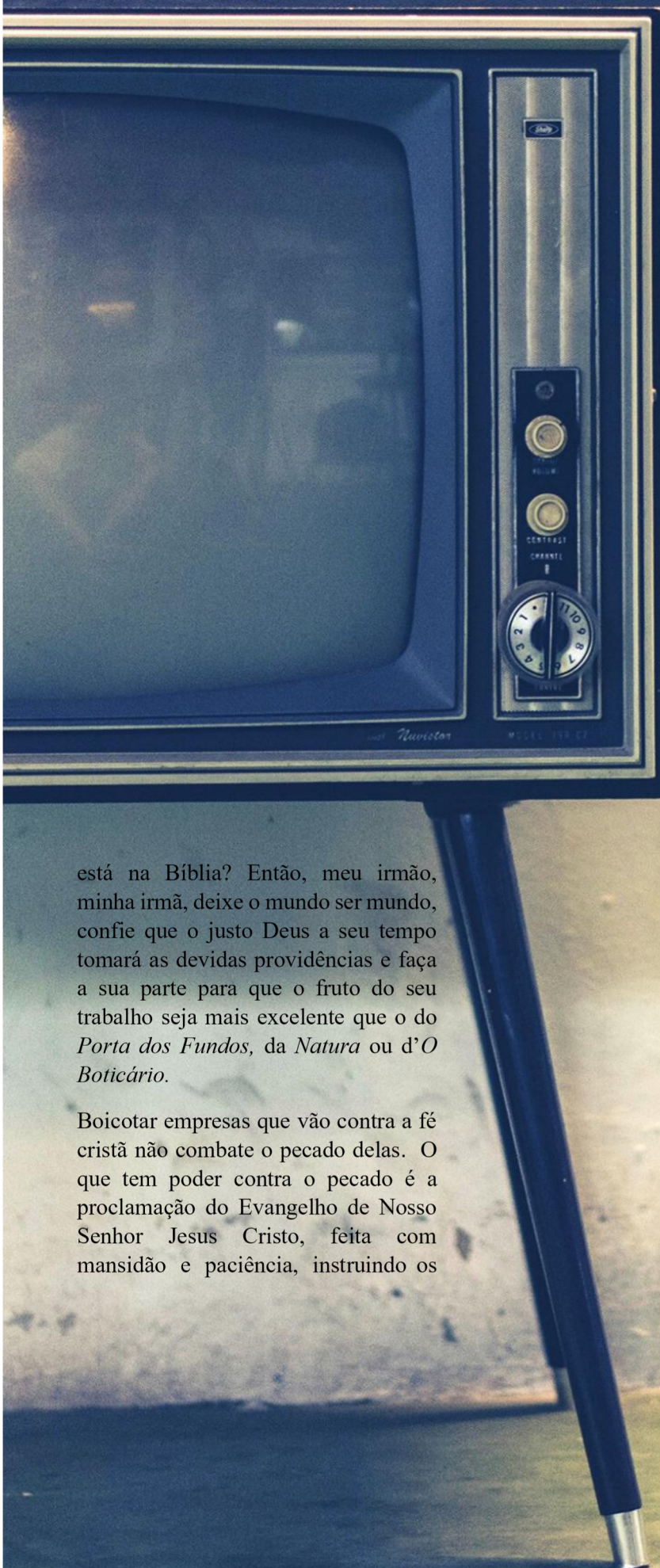
subiram mais 6,7%. Isso mesmo: subiram. Seus executivos devem estar morrendo de rir e planejando pôr Pablo Vittar ou Roberta Close de garoto(a)-propaganda de dia das mães, para o tal pastor berrar de novo e os evangélicos lançarem mais um boicote, para que a companhia volte a faturar alto.

A gente não aprende...

Pior: são boicotes incoerentes. Porque, se a ideia é boicotar empresas que apoiam abertamente a agenda LGBT, quem boicotou *Natura* e *O Boticário* obrigatoriamente teria de boicotar as demais empresas que já se posicionaram publicamente a favor da causa gay, como *Facebook, Instagram, WhatsApp, Microsoft, Nike, Coca-Cola* e muitas outras. Ou será que os cristãos só boicotam quem um ou outro pastor da mídia manda?

Meu irmão, minha irmã, acredite, eu compartilho de sua indignação. É muito desrespeitoso fazer deboche com a fé de qualquer pessoa e, francamente, a desonra ao Verbo divino é revoltante. Mas, sabe, leia Romanos 12 e você verá que o Onisciente está ciente. Ninguém se indigna mais com quem toma seu santo nome em vão e quem o afronta do que Ele próprio. E isso é gravíssimo, com consequências eternas que não preciso descrever a você. E eu oro por quem vilipendia o nome de Cristo, porque, se soubesse o que isso gerará, temeria a gravidade de seus atos. Que o Pai os perdoe.

Jesus nos ensinou a manter a espada na bainha. A seguir como ovelha muda para o matadouro. A não devolver mal com mal. A abençoar quem nos amaldiçoa. A orar por quem nos persegue. A pedir que o Pai faça a sua vontade, na terra e no céu. Ou isso tudo não



está na Bíblia? Então, meu irmão, minha irmã, deixe o mundo ser mundo, confie que o justo Deus a seu tempo tomará as devidas providências e faça a sua parte para que o fruto do seu trabalho seja mais excelente que o do *Porta dos Fundos*, da *Natura* ou d'*O Boticário*.

Boicotar empresas que vão contra a fé cristã não combate o pecado delas. O que tem poder contra o pecado é a proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, feita com mansidão e paciência, instruindo os

que se opõem, na esperança de que Deus os leve ao arrependimento (2 Timóteo 2:24-26). Esse é o caminho.

A Igreja tem lutado com as armas erradas e não se dá conta disso. Se você fala que boicotes como os supracitados não adiantam de absolutamente nada e só ajudam as empresas boicotadas a faturar mais, logo vem um monte de crentes dizendo que você é a favor do pecado, que precisamos nos posicionar, que se não fizermos nada a mentalidade anticristã dominará a sociedade etc. etc. etc. Volto a dizer: sei que dizem isso com boas intenções. Mas, biblicamente, estão dando tiros na água.

O que tem poder contra o pecado não é o berro, o xilique ou o boicote: é a proclamação do Evangelho. E mais: a proclamação do Evangelho em amor, oração, palavras e atitudes. É lançar a luz de Cristo sobre o mundo em trevas, sendo sal da terra e luz do mundo, e não xingando gays e atores nas redes sociais. Estamos usando estilingues para lutar na guerra. O resultado? Risadas do adversário e nós com cara de patetas.

Meu irmão, minha irmã, proclame o Evangelho – sempre com amor, em oração e com mansidão. Que suas palavras sejam sempre temperadas e para a edificação e, principalmente, que suas boas obras brilhem, pois é assim que o mundo glorificará o Pai. Acredite: quem disse isso não fui eu. Foi Jesus Cristo.



Cristão.

Maurício Zágari é bacharel em Teologia, pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou Colégio de São Bento. Editora Mundo

SIC MUNDUS CREATUS EST

CRIAÇÃO EVOLUCIONÁRIA

A paz, amados irmãos! Tudo bem?

Nesta edição, estaremos caminhando ainda na terceira parte da nossa sequência, *SIC MUNDUS CREATUS EST*. Esta terceira parte é constituída de dois textos, a saber, o texto da edição passada e o presente texto.

Passemos brevemente, ou não, por algumas bases de compreensão do criacionismo evolucionário. Para não repetirmos a gramática hebraica e a sistematização apresentada no artigo sobre a *terra antiga*, vou apenas citar que, na teoria da criação evolucionária, os dias não são literais, podendo variar, como visto anteriormente, entre um e outro: período de séculos, milênios, eras, etc. Para mais informações, voltemos às edições antigas.

Mas, como podemos saber que o universo tem bilhões de anos, e não seis mil, ou ainda, seis mil com aparência de bilhões de anos? A verdade é que não sabemos. Isso

em si mesmo, não é ruim. Temos duas opções de resposta: sim, tem bilhões de anos, ou não, não tem bilhões de anos (tratando-se do universo). Isso nos dá 50% de chances de estarmos certos, e também 50% de chances de estarmos errados. O mesmo vale para a *terra jovem*: não há uma certeza sobre se a idade da terra é de 6 mil anos - a Bíblia não trata sobre isso, e sim sobre a mão de Deus sobre nós como Criador. Isso, claro, não é motivo para descartarmos a teoria.

Levemos isso para outro exemplo: ninguém sabe em qual momento do desenvolvimento embrionário começa a vida - se na concepção, se na formação do sistema nervoso, se nas primeiras batidas do coração... Isso não é motivo para matarmos ainda no útero: há 50% de chances de aquele amontoado de células ser um indivíduo vivo, pulsando dentro de você, que poderia ser até mesmo você, sua mãe, seus irmãos, seu marido.

Tratar essa possibilidade com desdém é assumir uma chance de 50% de estar cometendo um assassinato - assassinato de seu filho. Será que você é uma pessoa preparada para arcar com o peso dessa situação? Quando a resposta for sim, deixamos de ser humanos. Quando matamos a próxima geração em prol de uma vida confortável, deixamos de ser humanos.

Voltando à teoria, o que um cientista utiliza são evidências: assim como um detetive que não tem testemunhas utiliza câmeras, DNA, fotos, grampos de telefone e escutas, um cientista utiliza experimentação em laboratório, DNA, registros astronômicos, químicos, fósseis, etc.

Evidência Geológica: há camadas geológicas, nas geleiras, que se formam conforme a neve é compactada no gelo. Elas recuam, diminuem, a cada 100 mil anos na Groenlândia e a cada 700 mil anos na Antártida. A mesma coisa ocorre em rochas sedimentares: os

sedimentos se depositam, assim como a neve, e formam rochas sedimentares em milhões de anos de preservação.

Evidência Radiométrica: alguns átomos, como sabemos, são radioativos, e perdem esse poder com o tempo. Esse período de tempo é chamado de meia vida, o tempo que uma substância perde metade da substância original. Um exemplo prático seria o potássio-40 que possui uma meia vida de 1,3 bilhão de anos. Nesse período, metade dos átomos de potássio-40 decaem em argônio-40. Medindo a quantidade de potássio-40 e argônio-40 em uma rocha, calcula-se o tempo que ela se solidificou em lava derretida. Várias rochas e elementos radioativos na Groelândia, datam 3,6 bilhões de anos, enquanto rochas trazidas da lua, foram datadas em 4,5 bilhões de anos.

Evidência Astronômica: a vastidão do universo e a velocidade da luz são outra evidência. A luz é extremamente rápida, realmente, mas até a luz leva tempo: oito minutos do sol à terra, por exemplo. Quanto tempo levaria para se deslocar até outra

galáxia? À outra estrela? E pior.... como retornar dessa estrela ao nosso sistema solar? Uma galáxia próxima à nossa, a galáxia de Andrômeda, está a 2,5 milhões de anos luz da terra. Que dirá a infinidade das estrelas do ponto mais distante do universo que, inclusive, permanece em expansão. Sobre a questão de “outro universo” descoberto pela *NASA*, não iremos tratar no momento - em breve, teremos artigo sobre.

Evidência Evolutiva: um indivíduo adquire uma característica, por meio de mutação genética, que aos olhos humanos, é aleatória, mas aos olhos de Deus, é direcionada. Essa mutação aleatória ao homem é direcionada por Deus, lhe dá uma vantagem no meio em que vive.

Digamos que essa vantagem genética tenha aparecido em um animal: por exemplo, um macho. Esse animal consegue sobreviver por essa pequena vantagem, sendo ela uma leve curvatura do bico, ou uma cor diferente das penas, uma presa ou garra mais afiada, um pelo camuflado, etc. Ele se reproduz e passa essa característica adiante. Depois sua descendência faz o mesmo.

Suponhamos que um descendente tenha cruzado com uma fêmea que também desenvolveu a mesma característica, como este bico um pouco e ainda mais curvo - essas características são somadas, e aos poucos se perpetuam, gerando um pássaro com bico totalmente diferente, mas não apenas isso: esse cruzamento traz consigo vários outros genes juntos, quer sejam eles favoráveis ou não à característica, mas que, pelo menos, coexistem (por exemplo, todo pássaro com bico mais curvo é vermelho – os de bicos retos, são azuis). A cor não importa, mas o bico sim. Porém, como só os vermelhos têm bicos curvos, só eles sobrevivem e existem, de maneira que, com o tempo, as variações genéticas acabam sendo tantas, que os indivíduos já não são mais cruzáveis (o pássaro vermelho e o azul). Pequenas variações são chamadas de “microevoluções”, e são aceitas pela grande parte dos cristãos, é visível e, inclusive, nós fizemos isso: um *pug* ou um *bulldog* são bem diferentes de um cão selvagem ou de um lobo.

A alteração de uma espécie à outra é chamada de “macroevolução”. Esta *macroevolução* é um conjunto de várias *microevoluções*. Esses termos, macro e micro, são utilizados apenas a fim de auxiliar na separação didática, pedagógica - eles não existem de fato. Assumir um é assumir o outro a longo prazo, ou pensar de maneira dúbia.

Não se vê tigres-de-dentes-de-sabre hoje, nem mamutes. Logo, entende-se que eles eram ancestrais dos tigres e elefantes modernos. Último exemplo: Baleias. São mamíferos que retornaram ao mar. E seu registro fóssil é um dos mais bem documentados, com dezenas de espécies de transição.

Para mais detalhes e artigos, bem como conteúdo sobre a criação evolucionária, se essa teoria chamou sua atenção, acesse *biologos.org*, especialmente na sessão do blog de *Evans Venema*, “Evolution Basics” - é uma excelente leitura.

Lembre-se: não se faz ciência com preguiça, nem apologética. Leia.



Evidência Genética: os fósseis deveriam ser a prova definitiva, porém, muitos irmãos possuem “*dura cerviz*”. Para isso, ainda existem as informações do genoma, que aperfeiçoou mais ainda as árvores filogenéticas. Eu mesmo estagiei, durante um curto período de tempo, em uma cidade próxima da minha, em um laboratório sobre *paleontologia*, e cheguei a montar um trabalho com um exemplar único de fóssil de crocodilo. É um trabalho um tanto laborioso, investigativo e demanda muita atenção e cuidado.

Sem dúvida nenhuma, as evidências genéticas reforçam e reafirmam os trabalhos dos pesquisadores.

Com essas evidências, espero que compreendam a visão desses cientistas. O último conceito, igualmente importante, que é a questão da aleatoriedade: quando se fala sobre o aleatório na questão da evolução o que está sendo tratado é o imprevisível. Há uma dezena de intempéries do meio

que interferem nas comunidades, de simples oscilações de temperatura ou falta de predadores, como espécies invasoras, *tsunamis* e vulcões. Os genes não se comportam segundo a lei de Mendel. Menos de 5 % dos genes seguem as leis lineares sobre as quais você certamente aprendeu no ensino médio. Muitos interagem entre si, uns se anulando, outros funcionando em acréscimo (como altura - cada quantidade de genes, e proteínas e formas concede uma quantidade de centímetros acima da média ou abaixo), como as cores dos olhos que possuem mais de quatro genes diferentes que trabalham o degradê característico da cor dos olhos. Penas e escamas possuem a mesma origem embrionária, diferenciando apenas em certo momento do desenvolvimento do indivíduo. Não é todo o cromossomo *y* que define o sexo, mas uma pequena parcela dele, podendo essa parcela ser cortada e então nascer uma fêmea *xy* (já realizado em camundongos).

O mais espantoso é: todas essas variáveis estão sujeitas e expostas aos olhos de Deus: ele sabe toda variação antes que ela ocorra e Ele mesmo a estabeleceu sua ocorrência, pois Ele é soberano. O que para nós é aleatório e imprevisível, é apenas um grão de areia na profundidade e imensidão da sabedoria de Deus.

Espero que esse artigo seja útil para os irmãos. Deus os abençoe, e até mês que vem, onde veremos o design inteligente, que tem crescido tanto em nosso país.



Sthaner Mendes de Sousa, 26 anos, é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP – campus Barretos-SP.

VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO DEPRIMIDO?

SENTIR-SE MAL NÃO É ANORMAL.

Chame-nos em nossas redes sociais a qualquer hora do dia.

Ou ligue no 51 99355 3039.

**ESTAMOS AQUI A QUALQUER
HORA DO DIA OU DA NOITE.**

O HOMEM HONRADO E SUAS ATITUDES

Separei um versículo com uma reflexão que fala sobre como os homens podem se tornar homens honrados.

“Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas, e ser estimado é muito melhor do que a prata e o ouro.”
(Provérbios 22:1)

O que o texto está nos dizendo, o que o nosso Pai está nos ensinando, para que sejamos homens sábios, homens santos, homens piedosos, é que mais do que riqueza, mais do que o ouro, mais do que a prata, vale a honra, ou seja, a honra, a honradez, um homem honrado, vale muito, mas muito mesmo, muito mais do que as riquezas. Ou seja, um homem honrado, de caráter, um homem de palavra, um homem temente a Deus, um homem reverente, um homem sério, um homem capaz, um homem que é admirado pelos outros, um homem que inspira outros homens, esse homem vale muito mais do que muito ouro, muita prata, muita riqueza. Porque ouro, prata e riqueza, não conseguem tirar o melhor de outros homens, ou seja, não conseguem inspirar, não conseguem mover o caráter de outros homens, não conseguem encorajar



outros homens. Somente um homem de honra, um homem honrado, de caráter, consegue inspirar outros homens a desempenharem o máximo da sua capacidade, a serem a melhor versão de si mesmos, a alcançarem o seu máximo de potencial de masculinidade. E somente homens honrados, homens que são inspiradores, encorajadores, somente esses conseguem fazer grandes obras, inspirar outros homens a realizar grandes obras - o dinheiro, a prata, não conseguem fazer nada!

Apenas homens honrados conseguem realizar grandes obras. Por exemplo, se você tem um time de futebol, não adianta pagar todo o dinheiro do mundo para um jogador, se ele não for um homem! Não apenas um atleta, mas um homem honrado. Ele não vai conseguir fazer daquele time, um time campeão. Nós temos os exemplos de inúmeros jogadores que ganham altos salários, mas não conseguem fazer a sua equipe ser campeã, porque não conseguem inspirar outros homens.

O dinheiro não consegue trazer a honradez, o dinheiro não consegue trazer, um espírito de sacrifício, um espírito de companheirismo, para dentro do vestiário. Isso se estende a todas as áreas da sociedade – na igreja, enfim, na família, aonde você quiser aplicar isso. Somente um homem honrado consegue trazer sucesso, trazer a paz, trazer a felicidade, trazer o êxito para qualquer segmento e isso o dinheiro não compra.

Dez coisas ou marcas, que todo homem precisa aprender para a ser um homem honrado

Agora, discorrerei aqui sobre dez formas, dez coisas que todo homem precisa aprender para ser um homem honrado, um homem diferente dos demais, um encorajador, um líder, que nada mais é do que um homem, como Jesus, um homem santo, um homem piedoso.

A PRIMEIRA COISA que um homem honrado tem no seu caráter, tem como marca, que ele aprendeu é que ele jamais deve quebrar a sua palavra. Isso é muito importante. Um homem honrado cumpre aquilo que ele disse, não importa o que ele terá de fazer para cumprir a sua palavra. Se ele disse algo, ele vai até o fim para cumprir o que prometeu, seja em que área da vida for, se ele prometeu, se ele empenhou a sua palavra, ele vai honrá-la, ele vai honrar o seu compromisso. Aquilo que ele disse que faria, aquilo que ele prometeu, ele fará, desde pequenas a grandes coisas. Na verdade, você nota que um homem tem caráter, que ele honra a sua palavra, justamente nas pequenas coisas. Aquele que quebra a sua palavra em pequenas coisas, quebra em grandes coisas e essa é a primeira marca de um homem honrado: ele não quebra a sua palavra.

A SEGUNDA MARCA é que um homem honrado jamais trai um amigo. Jamais ele prejudicará a um amigo, ele jamais vai falar mal de um amigo ou vai ficar em silêncio quando falarem de um amigo seu, sem defendê-lo. Um homem honrado vai sempre honrar os seus amigos, ele sempre vai honrar aqueles que o honram. Um homem honrado jamais quebrará a aliança da sua amizade e jamais vai tratar com desonra um bom amigo - ele nunca vai trair, ele nunca vai ser falso com o amigo.

A TERCEIRA MARCA que um homem honrado deve ter é que ele sempre irá honrar a sua posição. Todos os homens, todos nós, homens, temos uma posição, quer seja como pais, como maridos, quer seja no trabalho, ou na igreja, seja onde for. Tal posição requer uma conduta, requer uma responsabilidade, isto é, homens honrados são responsáveis! Se você é pai, vai exercer sua paternidade - você vai honrar sua responsabilidade como pai, vai ensinar aos seus filhos o caminho do Senhor, vai discipliná-los, você não medirá esforços para isso. Vai ensinar a Palavra, orar com eles, vai amá-los, vai brincar com eles, vai ser uma inspiração para eles, não importa o que aconteça - você vai prover pra eles, estará presentes em todos os momentos, vai sondar os corações deles, não interessa o que tenha que ser feito para isso. E assim será, também, no trabalho. Se você foi colocado como mestre de obras ou pedreiro, mecânico, motorista de caminhão, professor, enfim, seja a função que for, você vai exercê-la de maneira responsável, vai “vestir a camisa” e fazer com que as coisas aconteçam. Na igreja, então, “nem se fala”. Homens honrados sabem que precisam cumprir com honradez a função na qual Deus os colocou.

A QUARTA COISA sobre homens honrados, homens que têm bons nomes, é a forma como eles lidam com o dinheiro. Homens com bons nomes, aqui, são homens que inspiram, que encorajam, não são homens famosos. Homens honrados, homens de Deus, não podem ser avaros, ou seja, amar ao dinheiro, buscar somente juntar dinheiro, serem ávidos por dinheiro, mesquinhos, amantes da prata e do ouro. Por outro lado, também não podem ser meros e fracos de “mão aberta”, gastadores, tolos, idiotas, de uma maneira que tudo o que vem às suas mãos acabam não sendo valorizado. Abrem suas mãos e perdem tudo o que têm. Se você vê um homem que é gastador, este é um tolo - e se você ver um homem que é avaro, eis aí outro tolo. A sabedoria está no caminho do meio, ou seja, no equilíbrio. Nós devemos ser generosos, não devemos deixar o nosso dinheiro ser o nosso senhor, pois ele é um péssimo senhor, mas um ótimo escravo. Nós não vivemos para o dinheiro, o

dinheiro é quem nos serve, as riquezas é que devem nos servir. Não precisamos temer o gastar e o usufruir com sabedoria do que o dinheiro pode nos dar: um bom descanso, uma boa comida, um bom lazer, enfim, coisas que possam nos servir. Nem o caminho da esquerda e nem o da direita, antes, o caminho do meio: homens de Deus sabem lidar com o dinheiro, eles não se afundam em dívidas e não assumem compromissos que não podem honrar. Quando casei, criei uma regra com a minha esposa: nós não compramos nada que não tenhamos condições de pagar. Poderemos assumir uma parcela de valor considerável por ano, para ser paga durante dez ou doze meses. Não colocaremos tudo no cartão de crédito - se nós temos dinheiro, nós vamos gastar, se nós não temos, não gastaremos. Homens de caráter, homens honrados, sabem lidar com o dinheiro - eles não compram aquilo que não têm condições de pagar, não compram besteiras, e também não são escravos do dinheiro como já dito anteriormente.

O QUINTO PONTO diz respeito ao seguinte: homens honrados sabem a forma correta de lidar com os que são mais fracos. Homens estúpidos, homens tolos, homens idiotas se aproveitam de todos aqueles que têm uma mente mais fraca, de uma condição financeira inferior, uma posição mais fraca. Homens idiotas são como aqueles caras da escola que, sempre que veem alguém mais fraco, se aproveitam, tomam o seu lanche, batem nele - quando vão jogar futebol e tem alguém pior do que eles, eles zombam, debocham. Onde você for, verá que sempre existem homens mais fracos que foram, digamos assim, colocados em uma posição um pouco menor. Homens que têm menos capacidade, enfim, destituídos de recursos. Homens honrados tratam bem essas pessoas, eles honram outros homens que são, sob essa perspectiva, mais fracos. Homens honrados não humilham, eles não pisam em hipótese alguma nestes menores, pelo contrário, esta quinta marca do homem de Deus, do homem piedoso, é que ele estende a mão e trata os homens mais fracos com dignidade, puxando-os para um lugar de honra - esta é a marca de homens honrados.

A SEXTA MARCA de homens honrados é que eles sabem respeitar aqueles que estão na mesma posição. Há uma mania, por exemplo, dentro da igreja, de pastores quererem se colocar acima de outros pastores, e isso é ridículo, é uma babaquice. Não há nada de errado em você aprender com outro pastor, mas há este tipo de homens que não querem aprender, não querem ser pastoreados mutuamente, não querem pastorear e serem pastoreados. O que a Bíblia manda? Que devemos pastorear uns aos outros. Mas, estes querem

sempre se colocar numa posição de hierarquia, de mentoria, e que todos sempre venham a comer de sua mão. Dentro das instituições, muitas vezes os pastores, principalmente os mais velhos, ao invés de honrarem o pastor mais novo, ao invés de aprenderem, ao invés de se colocarem em igual posição, não, eles querem sempre estar acima e, é claro, isso não acontece apenas na igreja. Homens tolos são vaidosos, e esse é o problema: eles têm vaidade e são medrosos. Eles têm medo de que outros homens mais capazes consigam fazer melhor aquilo que eles fazem de maneira que, por vaidade, eles continuam com essa atitude de não reconhecer, de menosprezar, de tratar mal aqueles que são iguais. Se um irmão está do seu lado, em uma posição igual à sua, você tem que honrá-lo. Se eu disse antes que deve se honrar aquele que está abaixo, imagina aquele que está ao lado!

A SÉTIMA MARCA dos homens honrados é que estes sabem lidar com os de posição acima da sua própria. Homens babacas, idiotas e tolos, são sempre rebeldes, sempre estão falando mal de quem está acima, porque são invejosos - sempre querem estar num lugar mais alto, não sabem ser como Jesus, não sabem ser como os servos. O apóstolo Paulo fala que os servos devem honrar ao seu senhor, devem trabalhar com dignidade. Homens tolos não sabem respeitar os homens mais velhos - isso é uma babaquice sem medida, é uma insensatez, uma idiotice sem tamanho. Então, seja um homem honrado, aprenda a lidar com aquele que está numa posição acima da sua: respeite-o, honre-o, honre a sua posição.

A OITAVA COISA que um homem honrado sabe fazer é lidar com as mulheres. Um homem honrado sabe dar o lugar para uma mulher se sentar, sabe deixar uma mulher falar. Este homem não conversa com uma mulher a sós, com a mulher de outro homem, ou, se ele é casado, sabe se comportar com os seus olhos, sabe como e com quem pode fazer as suas piadas. Homens honrados nunca machucam as mulheres, nunca ofendem as mulheres. Homens honrados sabem estar calados e deixar as mulheres falarem alguma bobagem sem corrigi-las asperamente, apenas para não constrangê-las em público. Homens honrados nunca entram em um relacionamento com uma mulher se não vão dar tudo de si para fazerem essa mulher a mais feliz do mundo, ou seja, se não é para torná-la mais feliz, se não é para firmar o compromisso de dar a vida por ela para sempre, ser leal e fiel a essa mulher, e honrar esta mulher, este homem não entrará numa relação com ela, para casar, ou para noivar. Os homens honrados não brincam com as mulheres, não machucam os seus sentimentos, não

ferem, não são abusadores, não gritam, não intimidam, não usam da força, enfim, homens honrados sabem lidar com as mulheres.

A NONA MARCA que caracteriza um homem honrado é esta: ele sabe se sacrificar. É um homem honrado, homem nobre, que tem boa fama, ou seja, que todos falam dele, por ele ser um homem inspirador. Ele é encorajador, um líder nato, que se sacrifica pelos demais. Em qualquer lugar que ele esteja, ele é aquele que puxa a frente, está na dianteira, é alguém que, em primeiro lugar, sabe que a inspiração vem pelo exemplo. Então, não tem problema de se sacrificar, antes, ele dá a sua vida pelos outros, e isso é uma honra.

A DÉCIMA MARCA de um homem honrado é a constância. Os homens de Deus, homens honrados, homens nobres, são constantes. Eles terminam o que começam, e são constantes em fazer o bem. Não fazem “uma jogada de Pelé e outra de Mané”, como falamos no futebol. Eles sempre se mantêm no mesmo ritmo - não começam e ficam oscilando. Você nunca sabe o que pode esperar destes que tanto oscilam. Existem homens assim, que são sempre uma incógnita. Você nunca sabe se pode ou não contar com eles, se vão ou não terminar o que começaram. Com relação a todas estas marcas mencionadas, o homem honrado é sempre constante, e esta é a diferença, a grande marca dos homens de Deus: eles nunca quebram a sua palavra e nunca traem um

amigo. São sempre responsáveis em suas posições, jamais tratando de maneira tola o seu dinheiro. Nunca abusam dos mais fracos, antes, sempre os tratam como iguais. Eles sempre honram os inferiores, os iguais e os superiores, principalmente os mais velhos. Nunca machucam uma mulher e sempre se sacrificam.

O homem honrado é sempre constante em tudo isso, não é um oscilante crônico, e nem instável. Ele sabe o que quer, caminha sobre a terra a passos firmes.

Que Deus te abençoe, o meu desejo é que você seja um homem de honra, que tenha um bom nome e que você valha muito mais que muitas riquezas, assim como Jesus.

Um abraço.



Rafael Ribas graduou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Plantou a Igreja Batista da Graça, em Santa Maria – RS, onde foi pastor durante 5 anos. Hoje, faz parte do time de pastores da Igreja Ação Bíblica, de Faro, em

Portugal, onde se dedica integralmente ao plantio de duas novas igrejas e a projetos com pessoas em estado de vulnerabilidade social por meio Associação BeAlive.

PSICOLOGIA E FÉ CRISTÃ

Heroísmo

E SAÚDE MENTAL

Como o contato com a
grandeza revigora a mente

É amplamente conhecido o fenômeno do alastramento do Mal, que pode ser chamado de efeito *ponerológico*, ou de empatia anárquica. A violência, as catástrofes ou a influência moral de pessoas cruéis gera amplas repercussões negativas na psique dos envolvidos e tende ao contágio, como René Girard [1] descreve em seu conceito para a *mimesis* má. Contudo, da mesma maneira que eventos e circunstâncias atrozess podem oprimir e dismantelar a vida interna daqueles que submetem-se à desumanidade, atos heroicos e ambientes permeados pela grandeza humana também alteram a coloração interior de seus espectadores ou beneficiados. Eis a girardiana *mimesis* boa, ou *mimesis* da vida.

Jonathan Haidt [2], psicólogo norte-americano, identificou a peculiar emoção que emerge do contato com pessoas que fazem coisas boas, belas e virtuosas. Essa emoção é singular, pois ativa-se nas raras ocasiões em que o seu objeto legítimo é revelado: tirados de nós mesmos, somos absorvidos pela Beleza, ou melhor, pela Grandeza, e abstraídos da vida comum e das preocupações corriqueiras. Haidt chamou o conjunto das emoções despertadas desse modo de “emoções glorificadoras do outro”, dentre as quais temos a emoção de “elevação”. A elevação pode ser definida como um sentimento nobre e cálido que fervilha em nossos corações quando contemplamos súbitos atos benevolentes e compassivos. Em geral, a elevação acontece na ocasião do testemunho de um ato de amor e caridade entre duas pessoas. Quando elevados pelo amor, temos instigados em nós, por um tipo de contágio salutar, sentimentos cordiais, afetuosidade e anseio por ajudar a outrem. A participação em algo grande e louvável gera algo como um compromisso com as pessoas envolvidas no ato contemplado, compromisso esse que impele a uma segunda ação, dessa vez do observador para com uma quarta pessoa. Em termos mais precisos:

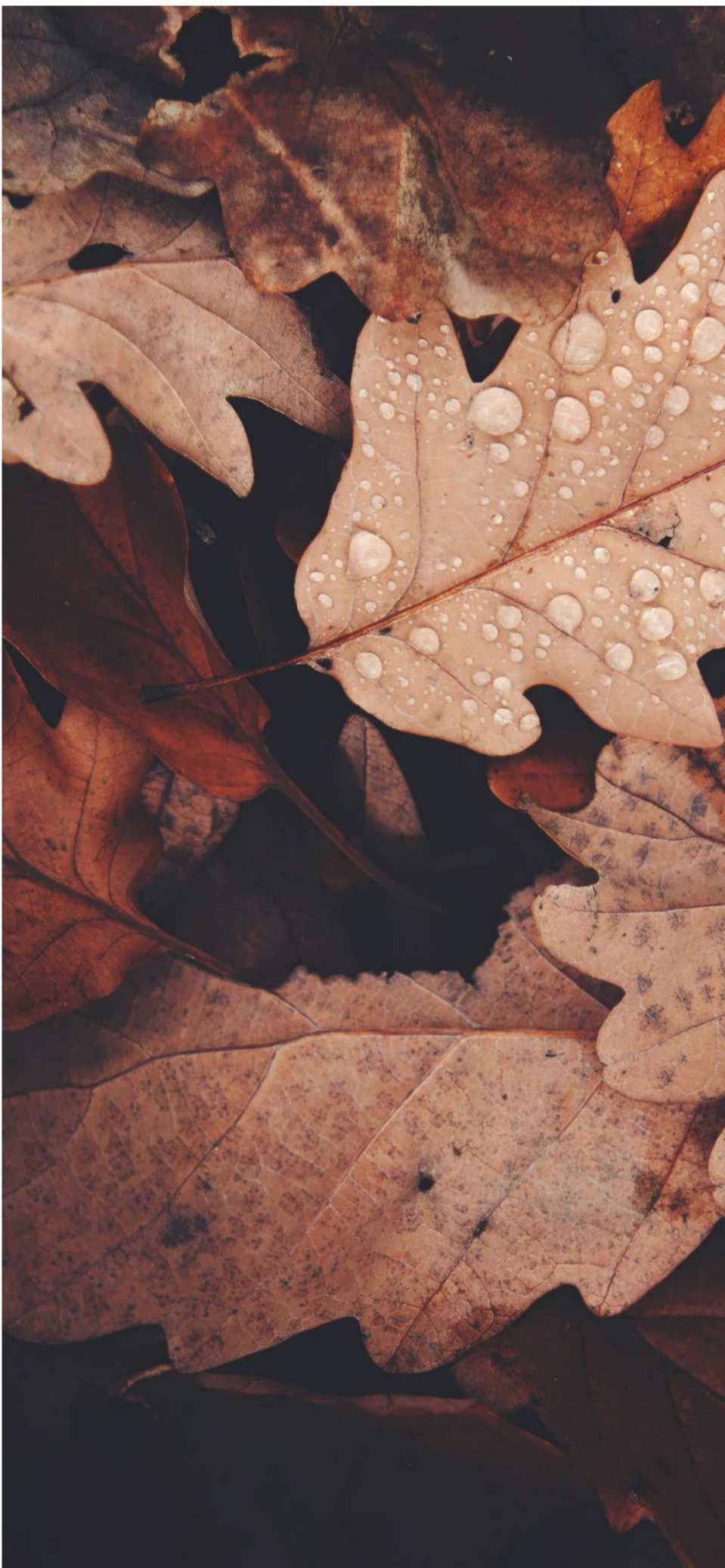
“[...] a percepção de um comportamento dedicado e corajoso provoca no peito uma sensação física de movimento, simpatia e abertura, aliada ao desejo de também praticar boas ações.” [3]

Pode-se, portanto, ver o herói como um tipo de “pai”, pois o seu ato, ou o seu modo de vida, quando vislumbrado pelo passante admirado, cria um vínculo de



afiliação: sob a sua sombra, somos motivados à repetição do gesto como parte de um acordo moral imaterial. Uma vez despertada a emoção de elevação pelo seu legítimo objeto, essa emoção pede por ação. Noutros termos, ganhamos um tipo de vigor, ou energia que busca canalizar-se em algo ou alguém. Segundo Haidt, o despertamento do amor e o sentimento de afiliação são, por exemplo, a resposta mais comum à contemplação dos santos e dos atos sagrados - mesmo em relatos de segunda mão. É como se no ato heroico de amor gratuito algo de sagrado se manifestasse, um tipo de *hierofania*, donde se nutre o senso de participação e o impulso reverente e imitativo.

Significa, por conseguinte, que o contato com pessoas grandes e com atos de grandeza, atizando emoções positivas, pode, de fato, aumentar nossas reservas de energia moral e também a nossa capacidade de ação. Em seus estudos dentro do tema, a psicóloga americana Barbara Fredrickson [4] desenvolveu a “teoria do



aumento e ampliação”. Tal teoria descreve o fenômeno da ampliação do repertório de pensamentos-ação, ou de possibilidades imaginativas para agir no mundo, através do fomento de certas emoções positivas, produzindo um aumento dos recursos pessoais, sejam eles físicos, intelectuais, sociais e psicológicos – ficam melhoradas a atenção, a cognição e as bases para a ação no ambiente concreto. Com o aumento do repertório, o indivíduo amplia, portanto, as suas capacidades adaptativas de longo prazo. Conclui-se que a experiência de testemunho de atos de grandeza ou de vidas grandiosas insere e inspira novos e melhores modelos existenciais na imaginação.

O sentimento de elevação nos coloca para fora de nós mesmos através de experiências de grandeza, que despertam emoções positivas capazes de motivar-nos ao cultivo de habilidades e de relacionamentos duradouros. Assim, vidas e atos heroicos singulares acabam fomentando toda uma ordem social saudável e próspera, por isso não é espantoso pensar como os antigos, que atribuíam a origem de suas culturas a certos heróis fundadores. Essas histórias míticas, mesmo quando totalmente mitológicas, apresentam à imaginação e aos sentimentos de seus ouvintes certos modelos exemplares, cuja imitação leva invariavelmente à manutenção da ordem e à retificação de conflitos. Isso significa, trazendo o conceito aos nossos dias, que a reintrodução na mentalidade popular das histórias de nobreza, daquela velha literatura permeada pela grandeza, pode ser um estimulante para a reaparição de figuras heroicas. Vidas e atos heroicos são marcos da eternidade dentro do tempo e do espaço, e podem demarcar o início de novos períodos dentro das sociedades, contagiando em primeira e em segunda mão um sem-número de pessoas e, assim, ambientes degenerados pela apatia, pelo tédio, pelo medo e pela violência podem ser redirecionados para condições de magnanimidade e de coragem pelo amor e pela afiliação. É como se houvesse uma criação “*ex nihilo*” de potência

regenerativa pelo súbito revigoramento moral fundado na magnanimidade de figuras exemplares.

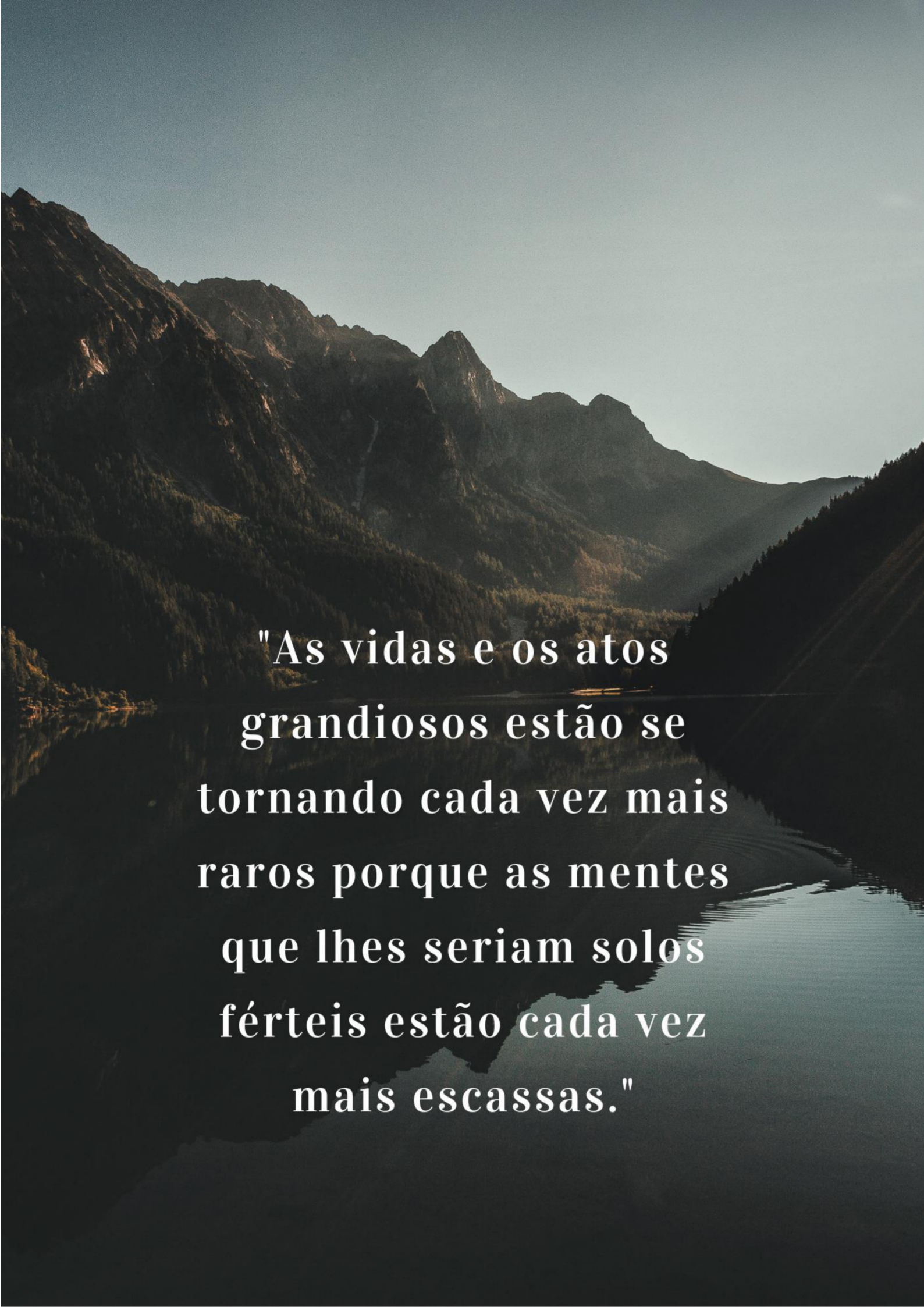
Quando o Apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 11:1, exorta para a imitação dele enquanto imitador de Cristo, ele está utilizando o mesmo termo grego que apontamos em Girard: *mimesis*, que trata da imitação do outro enquanto modelo ou exemplo. O próprio Paulo converteu-se após uma intensa experiência com a grandeza e magnificência de um Cristo heroico, que o cegou na estrada para Damasco. A vida do nosso apóstolo é toda permeada de atos de ardente entrega pessoal à causa do Evangelho, com intermináveis açoites, apedrejamentos, perseguições, prisões e naufrágios, que lhe encheram de cicatrizes, as quais chamou de “*as marcas de Jesus*” (Gálatas 6:17), visto, à imagem do Salvador, sofrer terríveis dores pela Boa Nova. A Igreja acompanhou os sofrimentos paulinos como fontes de encorajamento para uma fé apaixonada e inquebrável (Filipenses 1:14), e sua personalidade foi de tal modo impactante que o apóstolo precisou lembrar os cristãos de Corinto de que ele e Apolo eram meros servos de Cristo (1 Coríntios 3:6).

Mais recentemente, o exemplo de outro gigante da fé transformou o mundo. John Wesley (1703-1791), segundo Vishal Mangalwadi [5], pôde liderar um profundo resgate espiritual, moral e civilizacional na Inglaterra de seu tempo muito em função de sua conduta heroica. Tendo encontrado uma nação num terrível estágio de generalizada podridão, que sucumbia perante a corrupção, a violência, o alcoolismo, a jogatina, a mortandade infantil, a ignorância e a promiscuidade, que se alastraram quando da perda da autoridade das Escrituras e das igrejas pelo predomínio da mentalidade iluminista, deísta e cínica, Wesley, de sua conversão até o fim de sua vida pregou mais de 45 mil sermões, viajou cerca de 400 mil quilômetros em seu país, publicou aproximadamente 330 livros, escreveu gramáticas de diversas línguas, editou uma biblioteca de 50 volumes para a formação intelectual e espiritual e envolveu-se em centenas de projetos de cunho social e educacional, acompanhado do irmão, Charles, que compôs algo próximo de 9 mil poemas e hinos. Wesley levantava diariamente às 4 da manhã e ocupava o dia inteiro com pregações e atos virtuosos. Símplice, suas necessidades básicas anuais não passavam de 30 libras. É claro que o conteúdo de todo o incomensurável trabalho de John e Charles foi o motor principal do que se seguiu ao Grande Despertamento, mas a incansável vida grandiosa desses dois homens de Deus produziu um impacto heroico que ajudou a desencadear a restauração da nação inglesa:

“Não é exagero dizer que Wesley - e tudo isso também é verdade quanto ao seu irmão Charles e Whitefield - incutiram no povo britânico um novo e bíblico conceito de coragem e heroísmo. Sua dignidade tranquila, a ausência de malícia e de ira e, acima de tudo, a evidência do Espírito de Deus trabalhando em sua vida desarmaram, por fim, seus inimigos e os ganharam para Cristo.” [6]

Onde estão, pois, os grandes homens nos nossos dias, que também são tempos de trevas? Humberto Maturana [7] afirma que vidas e atos de grandeza não encontram espaço em sociedades regidas pelo pensamento linear e reducionista das ideologias políticas, de maneira que o próprio heroísmo, quando acontece, nem sempre é percebido ou compreendido como tal. A vida e os atos de grandeza são recebidos pelos espectadores sensíveis como uma manifestação da Providência, de algo sagrado, e os sujeitos grandiosos são vistos como sendo, ou tendo sido, inspirados. A experiência com a grandeza é essencialmente emocional, passando pelo coração, e não racional ou intelectual. Do mesmo modo, aquele que vive ou realiza a grandeza não o faz, em primeiro lugar, após um cálculo ou raciocínio linear: ele é despertado por uma determinada circunstância, sente-se invadido por compaixão e, embalado no amor ao próximo, lança-se em seu favor. Por isso, o homem nobre tende a não se sentir o primeiro responsável pelo seu heroísmo: ele alega ter sido mais o instrumento de uma força maior, pois é assim que ele sente a ocasião, ou a sua vida. Estranhamente, o impulso de amor não é desordenado: os homens grandiosos, na ocasião de suas ações, afirmam sentir uma clareza ímpar a respeito do que fazer e de como agir, pautada numa profunda sintonia com o ambiente e com o outro. A ocasião para o heroísmo demanda um aparato cognitivo que sente o mundo de maneira sistêmica, não linear e reducionista.

Jonathan Haidt [8] identificou essa qualidade cognitiva sistêmica, sobretudo, na mentalidade dos indivíduos considerados conservadores, que vivem sob a perspectiva *sociocêntrica*, captando o mundo e nele atuando a partir de uma harmonização das seis categorias cognitivas básicas (Cuidado, Justiça, Lealdade, Liberdade, Autoridade e Santidade), enquanto percebeu a distorção reducionista e linear na mentalidade pós-modernizada do chamado liberal, ou progressista, que tende a ler e a situar-se na realidade hiperatrofiando duas das categorias (Cuidado [Bem-Estar] e Liberdade) e pondo estéreis todas as demais. Haverá ocasião para um melhor detalhamento dessas categorias cognitivas numa próxima coluna. O que nos interessa agora é: as vidas e os atos grandiosos estão se tornando cada vez mais raros porque as mentes que lhes



"As vidas e os atos
grandiosos estão se
tornando cada vez mais
raros porque as mentes
que lhes seriam solos
férteis estão cada vez
mais escassas."

seriam solos férteis estão cada vez mais escassas - poucos conseguem ver o mundo e o outro com a totalidade necessária para o despertar da compaixão. Os próprios jovens, ideologizados, estão se agrupando em tribos de iguais, que apenas retroalimentam suas experiências e emoções negativas, donde reforçam sua causa militante (sempre contrária ao “opressor”), enquanto adoece em grupo e mantém-se afastados do contato com pessoas grandiosas, positivamente desiguais, que poder-lhes-iam inspirar percepções mais otimistas e salutares da vida.

Nós, cristãos, “*que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas*” (Hebreus 12:1), contudo, não temos desculpas para o alastramento da mediocridade em nossos meios, como bem denunciou Frank Schaeffer [9]. Voltemo-nos para a Palavra em busca dos gigantes da fé, voltemo-nos para aqueles que, dentre nós, são excelentes. Nos inspiremos no que há de melhor, donde seremos espiritual e psicologicamente fortalecidos para uma vida transbordante de dons e de graça. “*Procurai o belo e não o iníquo*”, Amós 5:14 (Trad. Frederico Lourenço)



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil.

Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.

NOTAS

[1] DE GODOY, Edvilson. *O Sacrifício de Cristo, Abordagem a partir de René Girard e Raymund Schwager*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

[2] RODGERS, Judy; NARAIN, Gayatri. *Algo Além da Grandeza*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

[3] RODGERS, Judy; NARAIN, Gayatri. *Algo Além da Grandeza*. São Paulo: Integrare Editora, 2010. p. 91

[4] RODGERS, Judy; NARAIN, Gayatri. *Algo Além da Grandeza*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

[5] MANGALWADI, Vishal. *O Livro que Fez o Seu Mundo, Como a Bíblia criou a alma da civilização ocidental*. São Paulo: Editora Vida, 2012.

[6] MANGALWADI, Vishal. *O Livro que Fez o Seu Mundo, Como a Bíblia criou a alma da civilização ocidental*. São Paulo: Editora Vida, 2012. p. 308

[7] RODGERS, Judy; NARAIN, Gayatri. *Algo Além da Grandeza*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

[8] HAIDT, Jonathan. *A Mente Moralista: Por que as pessoas boas se separam por causa da política e da religião?* @KNTZ. Edição do Kindle.

[9] SCHAEFFER, Frank. *Viciados em Mediocridade, Cristianismo contemporâneo e as artes*. São Paulo: W4 Editora, 2008.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa. Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner